

PAUL EHRENREICH

Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX



INCLUI FOTOS DE
Walter Garbe

TRADUÇÃO
Sara Baldus

ORGANIZAÇÃO E NOTAS
Julio Bentivoglio



Coleção Canaã
Volume 21

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Este livro apresenta um dos primeiros e mais completos relatos sobre os índios Botocudos que habitavam o norte do Espírito Santo. O estudo foi publicado originalmente em 1887 na Revista de Etnologia, da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e História Primitiva. Trata-se de um estudo dotado de rigor descritivo e analítico, que apresenta não somente alguns hábitos e costumes dos índios Botocudos, mas também nos brinda com ricas imagens de sua vida cotidiana, além dos registros fotográficos realizados por Walter Garbe, em 1909, que aqui foram incluídas como anexo.

A narrativa de Ehrenreich se situa entre o relato de viagem e o artigo de divulgação científica. Ele traz as marcas de uma literatura tradicional e conhecida que tinha ávidos leitores na Europa, curiosos da natureza e dos povos que habitavam outros continentes, em especial aqueles que eram vistos como exóticos ou primitivos. Nesse sentido a curiosidade européia sobre os Botocudos era enorme, afinal, para muitos eram considerados um dos grupos humanos que ainda permaneciam em seus estágios mais primitivos.

Nas palavras do próprio Ehrenreich, “os Botocudos são ainda hoje os senhores incontestáveis de suas florestas montanhosas, apesar de o seu antigo território já ter sido muito restringido. Nas proximidades imediatas da costa, a apenas poucos dias de viagem de portos muito frequentados, estando alguns deles em fase de plena florescência, uma parte da autêntica vida primitiva dos indígenas ficou conservada nas matas virgens entre o Rio Doce e rio Pardo, de um modo como acreditamos existir somente bem no interior desse incrivelmente vasto continente”.

Julio Bentivoglio



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-governador

MAURÍCIO JOSÉ DA SILVA
Secretário de Estado da Cultura

RUBENS GOMES
Subsecretário

AGOSTINO LAZZARO
Diretor-Geral
Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

CILMAR FRANCESCHETTO
Diretor Técnico



Coleção Canaã
Volume 21

PAUL EHRENREICH

Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX

Ueber die Botocudos der brasilianischen Provizen Espiritu Santo und Minas Geraes. 1887

INCLUI FOTOS DE
Walter Garbe

TRADUÇÃO
Sara Baldus

ORGANIZAÇÃO E NOTAS
Julio Bentivoglio

Vitória, 2014
ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

© 2014 by Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Cilmar Franceschetto

REVISÃO
Julio Bentivoglio
Triade Comunicação

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA
Bios

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
GSA - Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca de Apoio Maria Stella de Novaes. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Brasil.

Ficha catalográfica elaborada por Débora do Carmo CRB 631

E33i Ehrenreich, Paul. 1855-1919.
Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX /

Paul Ehrenreich; tradução de Sara Baldus; organização e notas por Julio Bentivoglio. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

152 p. : il. – (Coleção Canaã, v.21)

Título original: Ueber die Botocudos der brasilianischen Provizen
Espiritu Santo und Minas Geraes. 1887

Inclui bibliografia e fotos.

ISBN: 978-85-98928-19-7

1. Índios Botocudos - História. 2. Antropologia. 3. Alemanha Brasil.
4. Viajantes. I. Baldus, Sara .II. Bentivoglio, Julio. III. Título

CDD: 981.52

Viagem às origens do que somos

A difusão de relatos históricos bem fundamentados – eliminando versões e interpretações distorcidas – é medida fundamental para corrigir visões limitadas e preconceituosas de acontecimentos que muitas vezes são vitais para a compreensão da sociedade que construímos e das pessoas em que nos tornamos. Afinal, se ainda hoje, com todos os recursos de registro e comunicação, surgem e ganham status de verdade versões incorretas de atos e fatos políticos, econômicos e culturais, é fácil concluir que o conhecimento do passado exige, a cada passo, um imenso cuidado na interpretação. Daí a pertinência e a importância deste livro.

Apesar do que já foi demonstrado por vários estudos especializados, ainda hoje prevalece a versão de que as nações indígenas brasileiras tinham todas as mesmas crenças, os mesmos costumes e reagiram de forma semelhante à chegada dos europeus. Uma visão anacrônica, que a reedição deste “Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX”, escrito por Paul Ehrenreich e traduzido por Sara Baldus, cuida de desmentir. Sob alguns aspectos, o livro lembra um roteiro de filme de aventura. Entretanto, analisado a partir de um conhecimento mais amplo da história, é também um primor de didática, quando trata dos primeiros encontros e desencontros entre europeus e botocudos.

Aqueles que desejam conhecer melhor a epopeia dos brancos, recebidos pelos nativos como invasores e inimigos, encontram nesta

obra relatos que primam pela descrição cuidadosa dos seus costumes, diferentes das demais tribos indígenas nacionais, e pela compreensão da resistência à ocupação e uso do seu território pelos brancos. Entre os costumes diferenciados, os botocudos do Rio Doce não construíam casas, não conheciam o uso de redes e dormiam sobre folhas espalhadas no chão. Ao contrário de outras tribos, moviam-se por toda a região, nada cultivavam e não tinham o costume de nadar. Também diferentemente dos demais grupos, eram antropófagos. Não por vingança ou ódio contra o inimigo, mas por apreciarem o sabor da carne. E esse costume ameaçador contribuiu bastante para o medo amplamente difundido entre os invasores. Além disso, falavam uma língua que poucos conseguiam compreender.

Nas primeiras décadas da ocupação do território pelos brancos, a convivência chegou a ser quase pacífica, dando origem ao assentamento de várias tribos nas regiões do Rio Doce e do Mucuri. Mas os confrontos nunca cessaram inteiramente. De tempos em tempos, explodiam revoltas e conflitos, quase sempre nascidos de incompreensões recíprocas ou da violência deflagrada tanto pelos brancos quanto pelos indígenas, que os europeus chamavam de “bárbaros”. É certo que o francês Marlière e o mineiro Teófilo Benedito Ottoni estiveram empenhados em manter relações pacíficas e mais estáveis com as tribos do médio Rio Doce e do alto Mucuri. Mas essas iniciativas não foram capazes de eliminar os desentendimentos e a ameaça da guerra aberta. Os europeus jamais entenderam que eram eles os invasores, enquanto os botocudos sempre se viram como os verdadeiros donos do território.

O leitor interessado em saber mais sobre o passado e o historiador comprometido com a restauração da verdade encontram neste livro um estímulo poderoso ao aprofundamento de sua visão dos fatos ocorridos na região do Rio Doce, naquele período. Assim com todos os

nossos ancestrais brasileiros, os botocudos foram personagens importantes no processo de formação da nacionalidade. E o conhecimento dos seus costumes, crenças e atos é essencial para a interpretação de tudo que ocorreu no país não apenas no período colonial, mas também no Império e até mesmo na República.

Movido pela convicção de que o conhecimento e o saber são fundamentos da liberdade e da própria democracia, o Governo do Espírito Santo, nos últimos quatro anos, investiu como nunca no apoio ao desenvolvimento e divulgação de estudos históricos que nos permitem compreender melhor nossas origens e nossa caminhada civilizatória. E a reedição deste livro é mais um passo no cumprimento desse compromisso que assumimos com os capixabas de todas as idades. É garantindo a produção e edição de obras assim que renovamos nossa esperança de que o futuro venha a ser escrito com a mesma determinação e o mesmo respeito pela verdade.

Renato Casagrande

Governador do Espírito Santo

Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do atual Governo, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult de 2011 a 2013. Também os livros da Coleção Canaã, do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, que chega ao seu Volume 21 com esta pesquisa histórica sobre a presença e a vida dos índios Botocudos no Estado.

Narrativas curtas e longas, pesquisas históricas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadrinhos, obras para o público infanto-juvenil que integram esses lançamentos são uma amostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. Este lançamento, por exemplo, realizado em sinergia com a política cultural de apoio per-

manente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo do Estado, representadas por ações como a Biblioteca Móvel – que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente –, e a Biblioteca Transcol, que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

MAURÍCIO JOSÉ DA SILVA

Secretário de Estado da Cultura

Sumário

Índios Botocudos, um outro olhar	13
Os índios Botocudos no Espírito Santo e o estudo de Paul Ehrenreich	19
Sobre os índios Botocudos das províncias do Espírito Santo e de Minas Gerais	39
 Prefácio	 41
I. Da história.....	44
II. Do Nome	47
III. Locais de moradia e dispersão	50
IV. Tribos e hordas	52
V. Descrição etnológica.....	62
VI. Adornos corporais.....	75
VII. Cultura material	77
VIII. Modo de vida	85
IX. Alimentação.....	88
X. Canibalismo.....	90
XI. Vida social e familiar.....	91
XII. Sepultamento.....	96
XIII. Ideias religiosas.....	97
XIV. Doenças e meios de cura	99
XV. Aptidões intelectuais e caráter	101
XVI. Língua	106

XVII. Alfabeto.....	107
XVIII. Observação ulterior sobre o vocabulário	119
 Anexo <i>Botocudos do Rio Doce</i>	 121
Referências	145

Índios Botocudos, um outro olhar

Maria Cristina Dadalto

Professora do PPGHIS-UFES

Professora do PPGCS-UFES

Professora do Departamento de Ciências Sociais (UFES)

Esta reedição em português do estudo *Sobre os Botocudos das Províncias Brasileiras do Espírito Santo e Minas Gerais*, de Paul Ehrenreich, publicado em 1887 pela *Revista da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e História Primitiva*, vem preencher uma enorme lacuna da história do Espírito Santo.

Até os dias atuais, tem sido imenso o esforço de antropólogos e historiadores para fazer inserir os Botocudos no contexto do conhecimento da história internacional, nacional e regional. Mais especificamente os historiadores têm uma tarefa hercúlea, segundo Vânia M. L. Moreira¹: superar a visão europeia sobre o Brasil, que considerava que os índios não eram objeto da história, apenas da etnografia. Para Moreira, a historiografia dos Oitocentos concebia os indígenas “muito mais como obstáculos que infestavam as matas e sertões, impedindo o avanço da civilização do que como personagens da história pátria.”²

1 Moreira, 2010.

2 Moreira, 2010, p.14

Assim, e de modo geral, o conhecimento que temos sobre os índios do Brasil, mais especificamente sobre os Botocudos, é repleto de desconhecimento e desinformação. A literatura indianista, por sua vez, contribuía para a (des)construção do imaginário nacional, ao contrapor os Botocudos (Tapuias ou Aimorés) aos Tupis na história da colônia. Vejamos o que comenta Manuela Carneiro da Cunha³ a respeito de *O Guaraní*, de José de Alencar: “Peri, um guarani, salva a donzela Ceci e seu pai do ataque dos tapuias.” Vale lembrar que a nacionalidade brasileira, no tocante à questão indígena, está referenciada nos Tupis-guaranis.

Os Botocudos, índios ferozes sob o olhar do colonizador, são realçados como o inimigo, contra quem D. João VI declara uma guerra ofensiva. Nesse contexto, no interior dos discursos políticos, técnicos e literários fazia-se presente a essência do pensamento do processo civilizatório, tal como refletido e estruturado pela sociedade europeia à época. Desse modo, consistia uma questão central do debate colonizador a possibilidade da humanidade dos índios – e, portanto, se poderiam ser civilizados, ou seja, incluídos na sociedade.

Esse debate opôs, de um lado, aqueles que defendiam a brandura, a persuasão na atração dos índios, a exemplo de José Bonifácio, e, de outro, aqueles que estimulavam o uso da violência, como E. Varhagen. Contudo, um fato essencial a promover esse processo estava além, e simultaneamente subliminar, ao discurso ideológico: a questão das terras. Em Minas Gerais e Espírito Santo o roteiro da expansão econômica exigia a descoberta de novas rotas fluviais, e, em consequência, a submissão dos índios da região.

No meio do caminho desse projeto colonizador os Botocudos eram um “obstáculo” a ser removido, pois atrapalhavam a articulação de uma trama de relações interétnicas, constituída por sujeitos diversos:

3 Cunha, 1992, p.8

em acréscimo à diversidade dos grupos de Botocudos, destacavam-se missionários, latifundiários abastados, soldados, sitiante pobres, escravos africanos, imigrantes europeus, dentre outros.⁴

Os Botocudos, também chamados de Tapuias ou Aimorés, ocupavam território que compreendia faixas da Mata Atlântica e da Zona da Mata na direção leste-sudeste, cujos limites prováveis seriam o vale do Salitre, na Bahia, e o Rio Doce, no Espírito Santo (Figura 1). De acordo com Paraíso,⁵ os Botocudos pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, são caçadores e coletores seminômades, com uma organização social que se caracteriza pelo constante fracionamento do grupo, pela divisão natural do trabalho e por um sistema religioso centrado na figura dos espíritos encantados dos mortos.

Desse modo, por seus hábitos e modos de vida, os Botocudos pervadiam o desejo civilizatório vigente na sociedade brasileira ilustrada constituído durante o século XIX. Uma sociedade forjada sob o julgo do olhar etnocêntrico do europeu e que se esforçava para ocupar o espaço – que afirmavam e reafirmavam como uma enorme extensão de vazio demográfico –, bem como preenchê-lo com o estilo de vida demarcado pela perspectiva civilizatória ocidental.

O livro de Paul Ehrenreich vem nos oferecer outro olhar, que está além do etnográfico ao qual se propõe. Nele, o espaço onde viveram os grupos estudados é constituído pela história, marcado por corpos repletos de sentidos e habilidades construídas por sua própria história. Por meio de seu relato, é possível empreendermos um exercício indiciário no qual encontramos sinais da incorporação simbólica da cultura dos Botocudos a nosso modo de ser, pensar e agir – e que, pelo discurso produzido e reproduzido na literatura sobre a “alma indígena”, é praticamente ignorado ou demasiadamente fantasiado.

4 Mattos, 2004.

5 Paraíso, 2002.

Tal presença, por sua vez, é legado que vem sendo objeto de estudos de um seleto grupo de pesquisadores brasileiros – a exemplo, Manuela Carneiro da Cunha, Vânia Losada Moreira, Izabel Missagia de Mattos, Regina Horta Duarte, Maria Hilda B. Paraíso, dentre outros – preocupados em “desbravar” os sentidos, a vida e a história, em termos geográficos, simbólicos, étnicos e disciplinares, dos Botocudos.

FIGURA 1: MAPA DE REFERÊNCIAS GEOGRÁFICAS PARA A HISTÓRIA DOS BOTOCUDOS, SÉCULO XIX.⁶

O estudo de Ehrenreich nos permite, desse modo, compreender as manifestações divergentes da implementação do chamado “processo civilizatório” no Brasil, oferecendo-nos a mais absoluta certeza de que nosso presente é pleno do nosso passado. Sobretudo, tomar essa história na perspectiva inversa, ou como sugerida por Walter Benjamin, “a contrapelo”.⁷

Ganha, assim, maior relevo a apresentação da narrativa etnológica que emerge da permanência de Ehrenreich em aldeamentos de Botocudos na região do Rio Doce, uma descrição monográfica – segundo o próprio autor – fundada no método mais recente da pesquisa etnológica e antropológica da época. Ao mesmo tempo em que, com base nessa metodologia, expõe as contradições dos trabalhos produzidos por alguns viajantes, como as do Príncipe de Wied, de August Saint-Hilaire e de Hartt.

Há de se destacar que o período de permanência de Ehrenreich junto aos Botocudos transcorreu numa fase em que pouco restava de seu território: um quadrado formado pelos rios Doce, Mucuri, Guaçuí Grande e São Mateus, onde viviam poucos remanescentes. Era uma época, portanto, em que o projeto civilizatório do Governo Imperial havia sido implementado na plenitude, resultando em profundas implicações nos modos de ser, viver e sentir dos Botocudos. O legado de Ehrenreich tem realce em sua tentativa de encontrar entre cinzas e escombros de uma população indígena aniquilada pelo processo civilizador eurocentrista resquícios de uma cultura viva, ainda pulsante após persistente massacre.

7 Benjamin, 1986.

Os índios Botocudos no Espírito Santo e o estudo de Paul Ehrenreich

Julio Bentivoglio

Professor do PPGHIS-UFES

Pesquisador do Laboratório Poder e Linguagens – PPGHIS/ DEPHIS-UFES

Editor-executivo de Dimensões – Revista de História (UFES) (2012-2014)

Os índios Aimorés ou Botocudos são mencionados desde os primeiros anos da colonização do Brasil e a prevalência do nome Botocudo consagrou-se a partir do século XVIII, devido à generalização dos contatos e à aculturação sofrida por esses indígenas, que possuíam uma característica singular: o uso dos botoques no lábio inferior e nas orelhas feitos pelos índios e pelas índias. Ciosos de sua terra, desde o século XVI resistiram à ocupação dos portugueses, pois ocupavam um território que

compreendia grandes faixas da Mata Atlântica e da Zona da Mata na direção leste-sudeste, constituídas de florestas latifoliadas tropicais, cujos limites prováveis seriam o vale do Salitre na Bahia e o Rio Doce no Espírito Santo.⁸

Integrantes do grupo Macro-Jê, os Botocudos são caçadores e coletores seminômades. Construíam dois tipos de moradias: uma para permanências longas com estacas fincadas em círculo e cobertas de fo-

8 Paraíso, 1992, p.413.

lhas e galhos, e outras mais passageiras feitas com galhos de palmeira enterrados e amarrados em cima, formando uma arcada. Sua divisão de trabalho é feita por sexo e idade, sendo os chefes escolhidos por sua bravura, função que não era hereditária. A indicação de que eram canibais é controversa na literatura especializada, embora existam relatos de episódios em que teriam devorado colonos. Constantes lutas internas levavam a cisões no interior dos grupos e é por isso que, no final do século XIX, essa nação estava dividida em vários subgrupos, conforme veremos no relato de Ehrenreich.

A curiosidade sobre os Botocudos sempre foi enorme. Primeiro porque durante muito tempo foram vistos como temíveis e antropófagos, desde suas primeiras descrições e pinturas, como a que foi feita por Jean Baptiste Debret e publicada em 1834 em sua *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, na qual foram retratados com rostos ferozes e próximos a uma fogueira comendo pedaços de carne humana. Segundo porque foram aqueles índios que mais resistiram à ocupação de suas terras no litoral brasileiro. Terceiro porque, segundo muitos relatos de viajantes estrangeiros, como Maximilian Wied-Neuwied ou Auguste Saint-Hilaire, estariam nos graus mais inferiores do desenvolvimento técnico e intelectual humanos.

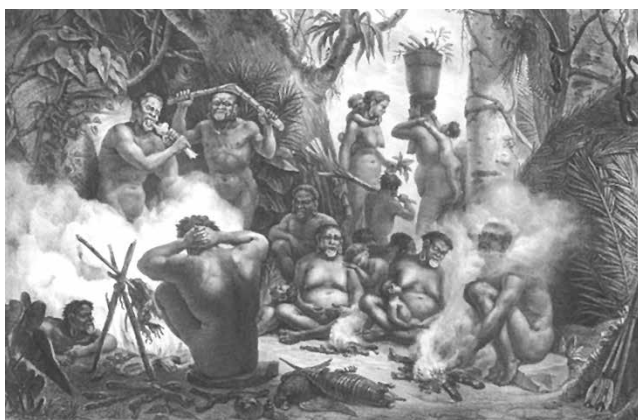


FIGURA 2. BOTOCUDOS, BURIS, PATAXÓS E MUCHARÍS (1834). JEAN-BAPTISTE DEBRET.

No caso do Espírito Santo, o contato com os Botocudos ocorreu desde o início da colonização no século XVI e foi marcado por conflitos sangrentos. Várias *entradas* foram organizadas por Fernão Dias Paes Leme, João Correia de Sá e Rodrigo Prado, dentre outros, para combatê-los⁹. Poder-se-ia, com efeito, reproduzir avaliação feita por Regina Duarte:

As áreas circundantes do rio (...) [Doce] e seus afluentes (...) permaneciam impenetráveis, a despeito das várias expedições já realizadas. A mata, povoada por índios, cortada por um rio enigmático quanto a seu curso exato e sua navegabilidade, apresentava-se como um espaço liso, aberto e indefinido. Por ela movimentavam-se populações nômades, ociosas, consideradas pelo viés das faltas a elas atribuídas (falta de Estado, de moral, de trabalho, de boas maneiras, de religião, etc.) e em sua antítese a todos os valores enaltecidos pela concepção de civilização, calcada no sedentarismo e no estriamento dos espaços¹⁰.

A ocupação da estreita faixa litorânea capixaba resultou na morte de milhares de Botocudos, seja pela doença, seja pela violência, pois os colonos usavam da força para rechaçá-los e ocupar suas terras. Além dos raptos, com o tempo, alguns índios foram se deixando aculturar e teve início um processo de integração e miscigenação, que contou com o papel destacado dos jesuítas. Aliás, como salienta Vânia Moreira, “a história dos padres e das missões se confunde com a dos índios”¹¹. Ainda segundo essa autora,

9 Ibidem, p.414.

10 Duarte, 2002, p.19.

11 Moreira, 2010, p.16.

no transcorrer de década de 1750, os padres foram expulsos da capitania, as antigas missões foram transformadas em vilas e lugares e os índios foram submetidos, desde então, ao duro sistema governativo do Diretório dos Índios¹².

Nesse sistema eram escolhidos diretores de índios, com uma função militar de ocupação e defesa dos colonos contra os índios selvagens. A legislação do Diretório dos Índios foi alterada somente pelo Aviso de 29 de agosto de 1798, que mandava alistar os Botocudos em “corpos efetivos de índios”, compostos por índios civilizados que deveriam auxiliar na contenção dos ataques do “gentio inimigo”. E, de algum modo, introduzi-los nos hábitos e costumes da civilização. Algo complicado, pois dificilmente os aldeamentos contavam com párocos ou professores, dada a escassez de recursos e investimentos. De qualquer modo, o governador da capitania do Espírito Santo em 1800, Antônio Pires da Silva Pontes, seguiu tais diretrizes, mas não foi acompanhado por seu sucessor, Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, que novamente nomeou um Diretor dos Índios. A reintrodução do sistema antigo a partir de 1808 tinha um objetivo: combater os índios selvagens para permitir a ocupação efetiva das terras nas margens e desembocadura do Rio Doce por meio da distribuição de sesmarias.

12 Ibidem, p.18.

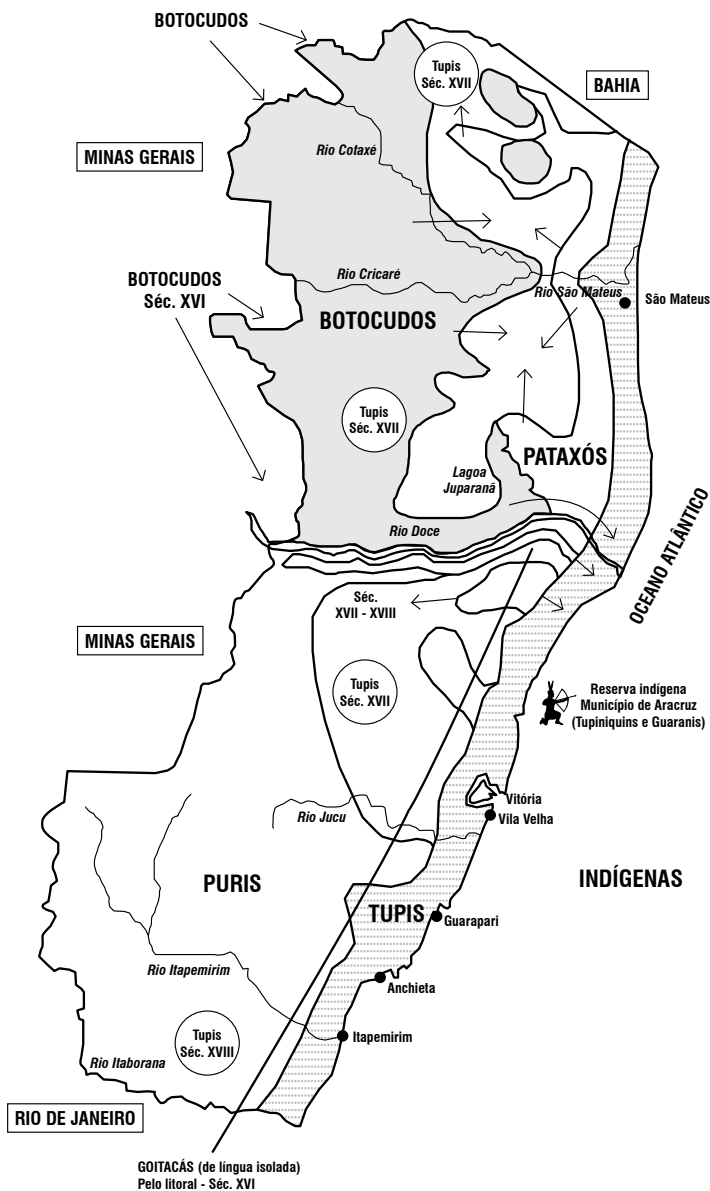


FIGURA 3. MAPA DAS NAÇÕES INDÍGENAS EXISTENTES NO ESPÍRITO SANTO DURANTE O SÉCULO XIX

Naquela altura, já haviam sido feitos esforços para a redução dos índios em aldeamentos, constituindo-se colônias como as de Belmonte na Bahia, Filadélfia no Mucuri e Guaçuí no Rio Doce. Tais aldeamentos representavam ao mesmo tempo esforço administrativo, econômico, militar e religioso para a *civilização* dos indígenas. Ao lado das igrejas, quartéis eram edificadas para conter os ataques dos selvagens e promover as investidas contra o sertão para combatê-los. O forte do Porto do Souza, por exemplo, era um quartel construído em 1801 para combater os Botocudos. Localizado na desembocadura do Rio Doce¹³, ofereceu dura oposição àqueles índios, pois por meio da Carta Régia de 13 de maio de 1808 D. João VI oficializou a guerra contra

os Botocudos antropófagos (...) particularmente sobre as margens do Rio Doce e rios que no mesmo deságuam e onde não só devastam todas as fazendas (...) e passam a praticar as mais horribéis e atrozes cenas da mais bárbara antropofagia, ora assassinando os portugueses e os índios mansos (...) ora dilacerando os corpos e comendo os tristes restos (...). Desde o momento em que receberdes esta minha Carta Régia, deveis considerar como principiada contra estes índios antropófagos uma guerra ofensiva que continuareis sempre em todos os anos nas estações secas e não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos assenhorar de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reais armas de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz e sujeitem-se ao doce jugo das leis, prometendo viver em sociedade, possando vir a ser vassallos úteis como já o são as imensas variedades de índios que nestes meus vastos Estados do Brasil se acham aldeados e gozam da felicidade que é consequência necessária do estado social¹⁴.

13 Paraíso, 1992, p.416.

14 Disponível em: < [https://www.dropbox.com/s/txwz7qkklpy12sd/1808-05-13.pdf](https://www.dropbox.com/s/txwz7qkklpy12sd/1808-05-13.pdf?dl=1)>. Acesso 2 set. 2013.

Esse decreto acompanhava as concessões de sesmarias que, a partir de 6 de março daquele ano, haviam sido distribuídas na região. Ou seja, a questão era a de garantir a ocupação e aproveitamento da terra por parte de colonos, cujos embates com os índios foram extensos e deixaram muitos vestígios na toponímia local. Nomes de freguesias como as de Vitória, Conquista, Batalha, Sucesso, são indícios seguros disso. A política indigenista de então era simples: índios não aldeados eram combatidos e os aldeados eram submetidos à colonização. Não por acaso, nos dizeres da época, *passavam a ter dono ou senhor*, tornando-se *semicivilizados*. Esses índios viviam ao lado de outros, que permaneciam livres ou selvagens. De todos os aldeamentos existentes, os mais importantes são os de Mutum, de Guandu e de São Pedro de Alcântara. A meta da política indigenista visava, como se observa, transformar o índio em subordinado, apoderar-se de suas terras e combater aqueles que resistiam a isso. Assim,

A caça aos Botocudos criou uma nova situação nos relacionamentos colonizador/colonizado. Cada vez mais, pequenos bandos procuravam contatos pacíficos, entregando-se ao aldeamento como forma de garantir sua sobrevivência, ameaçada pelos choques com os colonizadores e com outros grupos indígenas, em função da redução e perda dos territórios. A fome é uma das razões atribuídas por vários responsáveis pela administração da região (Ottoni, 1858) para tal atitude.¹⁵

A Carta Régia de 1808 só foi extinta com a promulgação, em 1845, do *Regulamento acerca das Missões de Catequese e Civilização dos Índios*, que criou novamente a figura tutelar do diretor de índios. A Diretoria do Rio Doce no Espírito Santo havia sido criada em 28 de janeiro de 1824 pelo ministro do Império, João Severiano Maciel da Costa¹⁶.

15 Ibidem, p.417.

16 Marinato, 2008, p.59.

De certo modo, a tônica adotada recuperava alguns princípios já defendidos por José Bonifácio em seus *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil*, que defendia o uso da brandura e da justiça para evitar o sofrimento dos índios mediante a

sujeição das populações nativas ao trabalho através de sua reunião em aldeamentos conduzidos por missionários religiosos, mas que contariam com forças militares destacadas a certa distância¹⁷.

Para Bonifácio o uso da força e da brutalidade era a causa do fracasso das políticas do governo imperial em relação aos indígenas. Muitos índios, mas também crianças e mulheres eram capturados e usados como mão de obra compulsória nos sertões sem lei. Mas o êxito dessa indústria era controverso¹⁸. Alguns Botocudos até vendiam eventualmente sua força de trabalho como jornaleiros para o homem branco (como tradutores ou guias, por exemplo). Mas o interesse pela terra era maior que pelo uso da mão de obra indígena. Este era empurrado para o interior e lá compelido a novas tensões com outros grupos e ou etnias indígenas. Teófilo Otoni indica, por exemplo, como os Naknenuks foram hostilizados pelos Jíporoks no vale do Mucuri¹⁹. O mesmo Otoni oferece uma imagem poderosa dos Botocudos em suas matas: “Cumpre, porém, confessar que um terror natural nos fazia palpar de emoção a cada nova trilha que encontrávamos”²⁰.

É essa a atmosfera daquele universo visitado pelos viajantes que passaram pelo Espírito Santo, como Auguste de Saint-Hilaire, Therese

17 Apud Marinato, 2008, p.44.

18 Cf. Monteiro, 1994, cf. Cunha, 1996.

19 Duarte, 2002, p.49.

20 O próprio Otoni, quando encontrou o chefe *Poton* da tribo *Naknanuk*, declarou-se seu parente, *Poton-Otoni* e este, sorrindo respondeu-lhe que podia trazer seus parentes porque as terras eram muitas e chegavam para todos. Outros chefes como *Ninkate*, por sua vez, declaravam que os portugueses deviam se contentar com as terras que já tinham tomado dos índios (DUARTE, 2002, p.62).

von Bayern e Paul Ehrenreich, dentre outros, quando visitaram os Botocudos no Rio Doce, na fronteira com a província de Minas Gerais. Muitos deles se encontravam, de certo modo, integrados à sociedade, vivendo em comunidades junto com homens brancos e adotando muitos de seus costumes, por exemplo, em relação ao preparo dos alimentos. Além de suas narrativas, existem os relatos sobre os índios encontrados nos relatórios dos presidentes de província. Neles é possível encontrar descrições sobre aldeamentos, ataques sofridos, investidas realizadas no sertão, dentre outros. Destaque, no caso do Espírito Santo, para os conflitos em Muribeca. Veja, por exemplo, a carta do diretor dos índios ao presidente da província referindo-se àqueles episódios:

É do meu dever certificar a V. Ex. que os Botocudos que infestaram a sobredita fazenda da Muribeca não se retiram dela enquanto não lhes forem restituídos os filhos e uma parte dos mesmos Botocudos levados com violência e traição (...) Esta é a verdadeira origem dos estragos que sofre aquele fazendeiro, e segundo me dizem os Botocudos da mesma família, que se acham nesta aldeia, as saudades que os pais tem dos filhos e a lembrança da traição com eles praticada pelo dito fazendeiro...²¹

Há também as notícias sobre as chacinas feitas pelo major Pascoal em meados de 1820 contra os Botocudos, que teria matado mais de 14 índios; ou ainda do alferes Leite e de Manoel das Linhas, todos na região de Muribeca. Outro episódio emblemático foi a chegada de um grupo de Botocudos a Vitória. Eles se instalaram na Ilha do Príncipe em 1º de outubro de 1824, permanecendo na capital da província até o final de janeiro de 1825. Apesar de o presidente da província desejar enviá-los para Aguiar, nas margens do rio Itapemirim, ou para algum aldeamento do Rio Doce, os índios recusaram as ofertas demonstrando canais de negociação e diálogo possíveis.

21 28/07/1824 Apud Marinato, 2008, p.54.

Não é de hoje que os relatos de viajantes europeus são utilizados para se conhecer a realidade colonial brasileira ou a vida cotidiana no Império. Usados como fontes por Capistrano de Abreu²² ou Gilberto Freyre, dentre outros²³, tais descrições eram pouco problematizadas como objetos de análise. Alvo de grande interesse, *os livros* dos viajantes foram sistematicamente traduzidos na década de 1940 por editoras como a Livraria Martins e a Companhia Editora Nacional. Antes disso, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro já havia publicado algumas traduções. Na década de 1980, a Editora Itatiaia, em convênio com a Edusp, voltou a lançar novos títulos e, a partir do final dos anos 1990, também a Editora do Senado Brasileiro. Em relação à historiografia sobre os viajantes, observa-se que a partir dos anos 1980 proliferaram pesquisas acadêmicas devotadas ao tema.

O relato que aqui se publica em português, pela primeira vez, é de Paul Max Alexander Ehrenreich, um destacado antropólogo alemão que estudou medicina e história natural nas Universidades de Berlim, Heidelberg e Würzburg. Ele começou seus estudos de campo no Brasil em 1884, quando estudou os índios Botocudos do Rio Doce, permanecendo até meados de 1885. Retornaria ao país entre 1886 e 1887, quando participou da segunda expedição de Karl von den Steinen (1855-1929) ao Xingu encarregado das descrições de antropometria. Ciente da importância do registro fotográfico, Ehrenreich procurava fotografar os povos que visitava e, não sem decepção, via com pessimismo o destino dos silvícolas brasileiros, depauperados física e moralmente devido ao convívio com os brancos²⁴. Steinen chega

22 Autor que inclusive traduziu dois textos de Paul Ehrenreich para o português no início do século XX.

23 Lisboa, 2011.

24 Meireles Filho, 1964, p.85.

a mencionar esse esforço de Ehrenreich, em um encontro dos índios do Xingu com a câmera fotográfica:

Somente após muita dificuldade o grupo de mulheres se posicionou. As mulheres deixaram se arrumar e por em ordem, Paul Ehrenreich estava pronto para expor a chapa. Quando elas descobriram seu reflexo na objetiva, partiram para cima da câmera para se ver mais de perto. As muitas agruras de um fotógrafo!²⁵

Além dele, estava na comitiva o geógrafo alemão Peter Vogel, do qual se separaram e visitaram onze povoados e sete povos diferentes. Por fim, agora na condição de líder, retornou ao Brasil pela última vez em 1888, descendo o rio Araguaia e alcançando ainda a foz do rio Tocantins, quando pôde conhecer os índios Carajá. Depois ganhou os rios Amazonas e Purus, para encontrar os Paumari, os Yamamadí e os Ipuriná da Amazônia. Nessa expedição declarou novamente que os índios de lá estavam muito aculturados devido ao contato com os seringueiros.



FIGURA 4. PAUL EHRENRICH, FOTOGRAFIA TIRADA A 10 DE JUNHO DE 1914 EM HEILDELBURG.

25 Apud Valentin, 2012, p.47-48.

Durante esse tempo todo dividido nas três visitas, passou pelas províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará, Amazonas, Mato Grosso e Goiás. Percorreu vários rios e matas em busca dos índios, em expedições arriscadas. Além da descrição etnológica, interessavam-lhe aspectos físicos e morfológicos, bem ao estilo do fisiocismo e das teorias raciais de Buffon e Blumenbach, mas também se esmerava em investigar sua língua e seus mitos, inspirando-se no historicismo de Herder e de Humboldt. A obra de Paul Ehrenreich abrange ensaios de teoria antropológica, método, estudos de etnografia e de linguística, somatológicos e mitologia comparada.

Nascido em 1855, momento em que as ciências e as universidades alemãs conheceram um período de grande efervescência, Ehrenreich desde cedo demonstrou sua curiosidade pelos povos *primitivos* e devotou inúmeros estudos à história natural, à etnologia e à antropologia. Embora célebre, ele não foi um pioneiro nesse tipo de trabalho com os indígenas brasileiros, nem na Alemanha, nem no Brasil. Dos primeiros a percorrer o território brasileiro podemos citar Johann von Spix (1781-1826), Carl F. von Martius (1794-1868) e Johann Rugendas (1802-1858), por exemplo. A seguir, entre 1880 e 1910, estiveram no país o já citado Karl von den Steinen, com quem trabalhou nas primeiras expedições ao Xingu; Theodor Koch Grünberg (1872-1924), que visitou o Alto Xingu e depois o norte da Amazônia, e Max Schmidt (1874-1950), que realizou pesquisas no Xingu e no Mato Grosso. Depois deles vieram outros como Fritz Krause (1881-1963), que estudou os Carajás do Araguaia. Mas as análises de Ehrenreich sobre os índios são primorosas, ricas em detalhes e comentários, revelando um esforço comparativo em compreender os povos americanos. Com efeito, Ehrenreich corrige inclusive as imperfeições e erros de estudos sobre os Botocudos que foram feitas por viajantes que o antecederam, como poderá ser visto neste livro.

O trabalho utilizado nesta tradução foi publicado na *Revista de Etnologia*, da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e His-

tória Primitiva, em 1887 e intitula-se *Sobre os Botocudos do Rio Doce do Espírito Santo e de Minas Gerais*. Trata-se de uma pesquisa introdutória dotada de rigor descritivo e analítico publicada em revista, que, posteriormente, seria ampliado em um estudo maior sobre a língua dos Botocudos, que sairia como livro. Além do Brasil, nas Américas Ehrenreich visitou ainda a Argentina, os Estados Unidos e o México e, no Oriente, o Egito, a Índia e a Tailândia.

Além dos índios da Amazônia e dos Botocudos do Espírito Santo, Ehrenreich conheceu ainda as tribos dos Bororos, Puris, Apuás, Apiacás, Carajás, Xavantes, Caiapós, Anambás e Guajajaras. Não por acaso, veio a se tornar um dos maiores nomes da antropologia germânica nas Américas. Foi professor da Universidade de Berlim de 1900 até sua morte, em 1914. Em 1891 publicou *Contribuições para a etnologia do Brasil*. Foi membro da Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-história de Berlim e da Sociedade dos Americanistas de Paris. Tornou-se também sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1907. Sua obra-prima foi publicada em 1905: *Mitos e lendas dos povos indígenas da América do Sul e sua relação com os da América do Norte e do Velho Mundo*.

Típico representante do interesse europeu pelos indígenas e pela natureza do Brasil – que se ampliou consideravelmente durante o século XIX, com a permissão dada por D. João VI aos estrangeiros de visitarem o território brasileiro em 1808 –, Ehrenreich realizou uma pesquisa minuciosa sobre os Botocudos graças à autorização dada pelo governo imperial de D. Pedro II. Naquela altura, as narrativas dos viajantes estrangeiros atraíam a curiosidade dos leitores brasileiros e europeus. Produzir relatos sobre a natureza e a sociedade brasileira era exercício frequente realizado por dezenas de viajantes europeus, patenteado em farta bibliografia produzida a respeito²⁶.

26 cf. Beluzo, 1998.

Muitos estudos sobre essas fontes já foram feitos nesse sentido e, no caso do Espírito Santo, há uma obra pioneira, publicada em 1971 por Levy Rocha: *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo*, na qual procurava inventariar os viajantes que haviam passado pela província durante o século XIX²⁷. Com uma preocupação sistemática, que retorna ao início da colonização, esse autor identifica franceses, ingleses, alemães e outros europeus que estiveram na província, incorporando uma abordagem que, desde meados dos anos 1950, predominava na historiografia brasileira. Aqueles relatos eram usados não somente como fontes, mas, sobretudo, como espelhos do real: várias passagens e trechos eram aproveitados por seu caráter referencial e reproduzidos como se fossem uma expressão da verdade. E tudo aquilo que parecesse exagero, especulação ou imaginação era desconsiderado.

Questão em aberto seria se o trabalho de Levy Rocha havia realmente localizado todos os relatos ou viajantes ou se, porventura, algum poderia ter passado despercebido. Tal questionamento situa o ponto de partida de meus estudos sobre os viajantes que passaram pelo Espírito Santo. Procurei localizar e traduzir narrativas que haviam sido indicadas por Levy Rocha e outros autores, mas cujos textos não haviam sido localizados ou vertidos para o português, bem como procurei relatos ainda inéditos e desconhecidos. A primeira tarefa conduziu à tradução de três capítulos da obra de Teresa da Baviera referentes ao Espírito Santo, concluída em 2011 e publicada pelo Arquivo Público do Estado em 2013. A segunda conduziu-me à descoberta dos estudos de Paul Ehrenreich, que agora o leitor tem em mãos. É possível que no futuro sejam encontrados mais textos de estrangeiros sobre o Espírito Santo, redigidos, sobretudo, entre 1880 e

27 Rocha, 1971.

1920, provavelmente por pastores luteranos alemães e franceses interessados no estado da fé de seus conterrâneos, ou ainda de representantes diplomáticos ou familiares italianos igualmente curiosos da situação de seus compatriotas que aqui viviam.

A narrativa de Ehrenreich se situa entre o relato de viagem e o artigo de divulgação científica. Ele traz as marcas de uma literatura tradicional e conhecida, que tinha ávidos leitores na Europa, curiosos da natureza e dos povos que habitavam os outros continentes, em especial aqueles que eram vistos como exóticos ou primitivos. Mas ela agrega preocupações efetivas de caráter científico, explicitadas em sua arquitetura conceitual, técnica e descritiva, trazendo sua marca mais visível, expressada pelo aparato de erudição característico do século XIX: as notas de rodapé.

Textos semelhantes devem ser lidos e interpretados a partir das relações sociais e de força em torno das quais se constituíram, expressando uma dada organização da sociedade e do tempo, bem como de práticas individuais e coletivas de produção de saberes e de produções discursivas. Eles nos remetem às questões da autoria²⁸ – da originalidade –, da observação participante e dos vestígios culturais europeus que são incorporados às narrativas, das regras e regimes de escritura – operação complexa em torno de um lugar, de uma disciplina e de uma compreensão sobre o ato de escrever e sua institucionalização vinculadas a tropos, gêneros, convenções e estilos²⁹ e da leitura. Essas marcas do social e de práticas coletivas que cristalizam palavras, expressões ou conceitos e que dão substância aos escritos revelam seus vínculos à sociedade e ao tempo, revelam, portanto, sua historicidade³⁰. Todos eles ingressam no rol de análises *científicas*, escritas não por viajantes

28 Foucault, 1999, p.293.

29 Certeau, 2004, p.89.

30 Koselleck, 2006, p.221.

simplesmente, mas por cientistas que procuravam escrever para uma comunidade científica europeia.

Ehrenreich, como muitos daqueles viajantes, tinha uma formação acadêmica, voltada para a história natural, a medicina e a etnologia. Assim, produzia um tipo específico de texto a respeito de suas viagens de estudo ao Brasil. Seu relato, redigido no final do século XIX, reflete a busca pela objetividade e a preocupação sistemática de inventariar e analisar suas observações, com uma sensibilidade diferente, buscando produzir um conhecimento *objetivo*, valendo-se de estudos e narrativas preexistentes, sendo devotado ao universo científico e acadêmico europeu, inclusive circulando por meio de revista especializada de Antropologia. Ou seja, seu texto tem uma narrativa específica voltada para um leitor também específico. De qualquer modo, a tradução aqui apresentada parece ocupar um espaço intermediário, pois ao mesmo tempo em que é um relato de viagem que traz certas marcas da subjetividade, performa também um artefato narrativo acadêmico, cheio de referências e informações geográficas, naturalísticas e etnográficas, marcadas pela busca do rigor científico.



FIGURA 5. FOTOGRAFIA ATRIBUÍDA A PAUL EHRENREICH DE 1894 (LEIBNIZ-INSTITUT FÜR LÄNDERKUNDE), QUE APARECE NO LIVRO DE TERESA DA BAVIERA, E POR VEZES É CONSIDERADA DA AUTORIA DE MARC FERREZ

Além dos Botocudos do Rio Doce, Ehrenreich conheceu ainda os índios Puris e os Tupis no Espírito Santo, embora não tenha redigido estudos a respeito deles. Segundo o antropólogo, Maximilien Wied-Neuwied e outros já haviam feito excelentes descrições a respeito dos Botocudos. Dentre eles, Auguste Saint-Hilaire e Hartt em seu trabalho *Geology and physical geography of Brazil*. Mas ele desejava analisá-los à luz dos avanços mais recentes da pesquisa etnológica e antropológica alemã, ou seja, tratá-los sob uma perspectiva científica, sempre que possível corrigindo as imperfeições e lacunas que apresentavam. O resultado desse esforço é evidente. Ao lado de Steinen, Ehrenreich pode ser considerado um renovador da classificação linguística e etnográfica dos povos da América do Sul, estudando *in locus* as tribos existentes³¹. Nesse aspecto, Ehrenreich recusou-se a aceitar a teoria de Carl F. von Martius sobre a formação linguística no Brasil. Para ele “[a] fixidez tenaz da língua da família é um dos principais caracteres dos Americanos” [*Das zähe Festhalten an der Stammessprache ist ein Hauptcharakterzug des amerikaners*, Ehrenreich 1891: 86]. Sendo assim, refutou o retrato da América do Sul como sendo uma “confusão babilônica de línguas” [*babylonischer Sprachverwirrung*, Ehrenreich 1891: 84], refutando que tivessem ocorrido numerosas trocas de línguas e constantes alterações linguísticas, como postulara Martius. Ehrenreich pôde corrigir em seus estudos linguísticos dos povos brasileiros e latino-americanos, ao lado de Steinen, o que denominou *Tupimania*, que erroneamente pensava que a língua Tupi fosse uma língua forte e hegemônica, influenciando todas as outras com as quais os povos Tupis tiveram contato.

31 CRUZ, Aline & CHRISTINO, Beatriz, O contato linguístico para Martius (1794-1868), Steinen (1855-1929) e Ehrenreich (1855–1914), p.6. Disponível em: < <http://www.etnolinguistica.org/artigo:cruz-2005> >. Acesso 10 mar. 2014.

REVISTA
PARA
ETNOLOGIA

ÓRGÃO DA SOCIEDADE BERLINENSE DE
ANTROPOLOGIA, ETNOLOGIA E HISTÓRIA
PRIMITIVA

Comissão de redação:

A. Bastian, R. Hartmann, R. Virchow, A. Voss



19º volume

1887.

Com 5 tabelas impressas por litografia

BERLIM.

Editora Verlag von A. Asher & Co.

1887

*Sobre os índios Botocudos
das províncias do Espírito Santo
e de Minas Gerais*

Paul Ehrenreich, Berlim

Prefácio

Quando saí da Europa na primavera de 1884 para visitar algumas partes do Brasil com a finalidade de realizar estudos etnológicos, a minha intenção original era visitar remanescentes dos povos primitivos da costa leste, sobre os quais apenas dispomos de notícias detalhadas referentes aos primeiros decênios deste século e, ao mesmo tempo, também estudar mais detalhadamente alguns povos da bacia do Amazonas. Mas como uma grave doença me forçou a retornar imediatamente para a Europa, somente foi possível realizar a primeira parte desse programa.

Durante a permanência de vários meses na região da mata virgem do Rio Doce, nas províncias do Espírito Santo e Minas Gerais, pude entrar em contato com algumas das tribos de Botocudos do lugar e tive também a oportunidade de ver pelo menos certo número de indivíduos da nação dos Puris, antigamente tão importantes, bem como de descendentes de povos Tupis da região costeira.

Já dispúnhamos de excelentes trabalhos sobre os Botocudos, datados de épocas mais distantes como, por exemplo, a apresentação clássica do Príncipe de Wied¹ que consta no segundo volume de sua obra *Reise* e também de estudos mais recentes, como os inúmeros

1 Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied (1782-1867), príncipe renano que esteve no Brasil no início do século XIX e aqui estudou a flora, a fauna e as populações indígenas. Foi um naturalista, etnólogo e explorador autor de *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1989. Publicado originalmente em 1820. NO (Nota do organizador).

informes detalhados de August Saint-Hilaire² e o estudo cuidadoso de Hartt em seu trabalho *Geology and physical geography of Brazil*. Entretanto, pareceu-me necessário controlar com base em observações próprias os dados frequentemente contraditórios de cada um dos autores, no intuito de fornecer uma descrição monográfica sobre esse povo, usando todo o material até agora disponível, analisado sob os pontos de vista baseados no método mais recente de pesquisa etnológica e antropológica. Naturalmente esta apresentação não tem a pretensão de ser completa. Em primeiro lugar, o tempo de permanência junto aos indígenas não foi suficiente para chegar a uma clareza sobre todos os pontos importantes e, em segundo lugar, não consegui visitar todas as tribos principais desse povo, principalmente os que vivem nas regiões do Mucuri. Por isso, minhas informações se referem principalmente às hordas do médio Rio Doce e seus afluentes, os quais, devido ao seu comportamento totalmente hostil, foram os menos considerados na época. É fato conhecido que também o príncipe teve que retornar do Rio Doce sem ter conseguido concretizar sua intenção. De qualquer modo, considerando a importância da tarefa de estudar os povos nativos cada vez mais em desaparecimento enquanto isso ainda é possível, cada novo fato observado com mais detalhes certamente será de valor para a etnologia e espero poder contar com a consideração dos peritos no assunto, apesar das incontestáveis lacunas das minhas informações.

Nessa altura, cumpro logo de início com minha obrigação agradável de manifestar meus sinceros agradecimentos ao Sr. Adnet³, diretor do Aldeamento de Mutum, e ao Sr. João Maria Moussier, subdelega-

2 Augustin François César de Saint-Hilaire (1779-1853), botânico e naturalista francês. Ehrenreich refere-se, especialmente, ao livro *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce* de 1818. NO.

3 August Theodor Adnet, francês radicado nos Estados Unidos e que veio para o Brasil com alguns refugiados da Guerra de Secessão, liderados pelo coronel Charles G. Gunter do Alabama, que celebrou contrato com o governo da província para se estabelecer em terras próximas ao rio Mutum e o rio Guandu, próximo a Linhares. NO.

do de Polícia de Guandu, que estimularam muito os meus estudos com o seu constante apoio através de conselhos e atos.

Dentre os povos primitivos da América do Sul, são os Botocudos ou Aimorés os que requerem o maior interesse do etnólogo. Embora ainda hoje a maioria deles se encontre no nível mais baixo dos usos e costumes, não foi sem resultado que ofereceram resistência até os tempos mais recentes frente às influências exercidas pela civilização que os cercava, ao passo que as demais tribos indígenas da costa leste do Brasil estão, em parte, completamente dizimadas e, em parte, se submeteram à raça branca e negra do país, perdendo todas as suas particularidades tribais. Desse modo, os Botocudos são ainda hoje os senhores incontestáveis de suas florestas montanhosas, apesar de o seu antigo território já ter sido muito restringido. Nas proximidades imediatas da costa, a apenas poucos dias de viagem de portos muito frequentados, estando alguns deles em fase de plena florescência, uma parte da autêntica vida primitiva dos indígenas ficou conservada nas matas virgens entre o Rio Doce e rio Pardo, de um modo como acreditamos existir somente bem no interior desse incrivelmente vasto continente.

I. Da história

Já desde os primórdios da ocupação do Brasil temos relatos das lutas dos portugueses imigrados com as tribos guerreiras dos Tapuias nas regiões montanhosas da costa, tão temidos pela sua selvageria indomável, sua astúcia e seu canibalismo. Já o seu enfeite tribal bárbaro, os grandes batoques de madeira nas orelhas furadas e nos lábios tornavam-nos objeto de temor e repulsa.

Em torno de 1560, os selvagens Aimorés apareceram pela primeira vez na costa, inquietando a capitania do Porto Seguro com seus ataques para saquear. Varnhagen⁴ relata sobre eles:

Dentre os demais bárbaros, eles foram considerados como mais do que bárbaros, falavam uma língua totalmente desconhecida e seus costumes se desviavam dos de todas as outras tribos brasileiras. Não construíam casas, não conheciam o uso de redes e dormiam sobre folhas no chão. Não cultivavam nada, vagueavam em pequenos grupos pela região e não eram afeitos ao nado. Sua fala era gutural e eram antropófagos, não por sede de vingança ou ódio contra o inimigo, mas por apreciarem o sabor da carne⁵.

4 Varnhagen, **Adolfo F. Hist. G. do Bra. I**, p. 242 (Observação: as notas originais de Paul Ehrenreich foram mantidas na grafia original).

5 Em outro trecho, **Hist. G. do Bra. I**, p. 447, o autor relata: "os estrangeiros Aimorés a que muito provavelmente pertencem como dizemos em outro lugar os chamados hoje Puris ou Botocudos". Portanto, ele considera de modo errôneo os dois troncos como idênticos, ao passo que a sua descrição cabe aos Botocudos. Sob o nome Tapuia estão incluídos os Puris, assim como todas as nações da costa leste que não pertencem ao grande povo Tupi.

O corajoso Mem de Sá conseguiu abatê-los por duas vezes, queimando 300 de suas aldeias (!) e recuando-os a 60 léguas para o interior, porém essas derrotas não impediram os selvagens de destruírem completamente a cidade de Ilhéus algumas décadas mais tarde (1601). O que não havia sido possível alcançar por meio de armas foi conseguido pelo colono Álvaro Rodrigues, com auxílio de uma mulher indígena capturada, convertida depois para o cristianismo e civilizada. Deve-se à intermediação dela um comportamento mais pacífico dos selvagens. Muitos deles se assentaram na Ilha de Itaparica para se dedicarem à agricultura sob a orientação de missionários. Infelizmente, já em 1603 a maioria desses indígenas domesticados se dispersou novamente em decorrência de uma epidemia que irrompeu no local. Mais tarde, muitos retornaram novamente, sendo então assentados em duas aldeias em Ilhéus pelo jesuíta Domingo Rodriguez, que sabia falar a sua língua. Enquanto isso, em outras regiões da costa as lutas prosseguiram⁶. Em 1664 os Aimorés atacaram o cais de Porto Seguro, um porto muito importante, aliados às tribos Tupis do tronco dos Tupinambás e Tamoios que, amargurados pelos maus tratos dos portugueses, não sentiam nenhuma reserva em se aliar aos seus antigos inimigos. A maior parte dos habitantes foi atacada e trucidada pelos selvagens durante a missa de sexta-feira Santa, a cidade e as localidades vizinhas de Santa Cruz e Santo Amaro foram destruídas. Uma epidemia de varíola que irrompeu entre os indígenas impediu o seu alastramento pela costa. Somente no início do século XVIII ocorreram novos ataques, que foram revidados com êxito. Em 1758⁷ também a capitania de Minas Gerais foi atacada pelos indígenas, porém defendida pelos portugueses com o apoio da tribo amiga dos Coroados. Até o início do nosso século grassava, justamente nessa província, principalmente na região do Rio Doce, a luta racial mais ferrenha, travada com a mesma crueldade e selvageria por ambos os lados. Ainda em 1809 e 1810, decretos reais exigiram a luta a favor da destruição dos indígenas;

6 Southey, Robert. **History of Brazil**. II, p.664.

7 Ibidem, III; p.600.

as descrições comoventes do nosso renomado Eschwege⁸ comprovam com que desumanidade isso foi realizado.

Desde a declaração da Independência do Brasil foi possível dar início a uma relação mais ou menos aceitável durante as primeiras décadas, pelo menos com a maior parte dos selvagens, como também assentar várias tribos em moradias fixas com ajuda e esforços do francês Marlière⁹, no Rio Doce, bem como do diretor da colônia de Filadélfia, Teófilo Ottoni, na década de 1850 do nosso século. Mesmo assim, ocorreram muitas animosidades no médio Rio Doce e no alto Mucuri, naturalmente provocadas pelo comportamento da população brasileira. No momento, as tribos selvagens estão novamente em plena revolta no Murici, entre Santa Clara e Filadélfia. Na inauguração do novo trem entre Caravelas e Santa Clara, vários participantes da viagem inaugural foram mortos a tiros numa emboscada perto da estação de trem da última localidade. É compreensível que sob tais circunstâncias também não haveria perdão por parte dos moradores. Também é possível que estejam ocorrendo atrocidades aqui e ali, como as do início do século, quando, segundo Eschwege e Saint-Hilaire, foram jogadas nas mãos dos selvagens peças de vestuário de pessoas acometidas de varíola, visando alastrar essa peste no seu meio. Eu mesmo ouvi uma conversa numa localidade, se não seria recomendado distribuir cachaça envenenada para os bugres bravos!

Obviamente o final dessa luta não deixa muitas dúvidas. Também aqui o selvagem terá que ceder à cultura invasora. Ultimamente a situação tem estado mais calma no Rio Doce. As tribos inimigas permanecem em suas florestas montanhosas de difícil acesso, onde ninguém ousa persegui-las.

8 Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), autor de várias obras sobre o Brasil, feitas durante suas viagens e estudos mineralógicos. NO

9 Apud Auguste de Saint-Hilaire. **Voyage dans le distr. des diam.** II, p.337.

II. Do Nome

Segundo Martius, o nome *Aimorés* pelo qual essa nação foi denominada até meados do século passado deve derivar do Tupi *Goyai-mura*, ou seja, “inimigos que vagueiam”. Não precisamos esclarecer em maiores detalhes como foi possível associar esse nome aos Aimarás da Bolívia¹⁰. A denominação *Botocudos*, mais recente, é derivada indubitavelmente do português *botoque* (rolha de tonel) e se refere aos discos de madeira que esses selvagens usavam nos lábios e nos lóbulos das orelhas. A explicação de Milliet para essa palavra como sendo composta de *boto* = curto ou grosso e *codea* (*resina de bursera*), ou seja, “pessoas inferiores que cobrem o seu corpo com uma camada de resina para proteção contra picadas de insetos” parece forçada e pouco aceitável, já que um tal costume nunca foi mencionado por nenhum observador. Entretanto, existe uma notícia sobre isso na obra de Southey¹¹. Com razão, Hartt¹² rejeita também a possível derivação de *bodoques*, que são bolas de argila atiradas com um arco próprio para matar pequenos pássaros.

Atualmente, pelo menos nas regiões por mim visitadas, a denominação *bugres* (possivelmente corrompida do francês *bougre*) é a

10 Compare W. Schultz, *Natur-und Kulturstudien* (Estudos da natureza e da cultura); p. 43.

11 Southey, *Hist. of Br.* III, p. 808.

12 Hartt, *Geolog. of Brazil*; p. 378.

única usada no cotidiano. A expressão *Botocudos* é usada somente na língua escrita.

Mas como esse povo se denomina a si mesmo? Na obra do Príncipe de Wied, é citada a palavra *Engrekmung* como sendo o nome tribal¹³. Nessa obra está escrito: “*Eles mesmos se denominam Engrekmung e não gostam de ser denominados de Botocudos*”. De onde o Príncipe tira esse nome, não é possível saber em sua apresentação. Como significado, ele informa: “*Nós, os mais velhos, que podemos enxergar longe*”. Hartt¹⁴ menciona que não consegue traduzir essa palavra, mas observa de forma muito acertada que *mung* significa andar. Realmente deve estar em tempo de esse termo – repetido por todos os redatores de relatos posteriores por força da autoridade do Príncipe e usada até a data atual – finalmente desaparecer das nossas obras etnológicas e geográficas.

Engrekmung ou foneticamente mais correta *ŋkreḱ¹⁵-mũ* expressa literalmente “para onde ir?”, “para onde vais?”. De acordo com isso, nem estaríamos tratando de um nome, mas de uma resposta, ou melhor, de uma contrapergunta dos selvagens para a pergunta do Príncipe sobre a denominação de sua tribo, que eles não entendiam.

Muitos nomes geográficos devem sua origem a mal-entendidos semelhantes. Qualquer pessoa que teve alguma relação com indivíduos incivilizados sabe como é difícil receber uma resposta correta a uma pergunta desse tipo. Ainda assim, é difícil de admitir que um observador tão cuidadoso como o Príncipe de Wied não tenha percebido esse engano, tendo permanecido um tempo relativamente longo entre os selvagens. Por isso precisamos ir em busca de outro esclarecimento.

13 Original: nationale Stammname.

14 Hartt, I. C. p. 577.

15 O som de *ḱ* praticamente não é audível.

Parece-me que *Engrekumng* foi usado por engano ao invés de *Krakmun* ou *Krekmun*, o nome de uma família ou de uma horda que, segundo Saint-Hilaire¹⁶, foi encontrado junto às tribos em Minas Novas, no rio Jequitinhonha e na margem sul do Rio Doce. Na verdade, tais nomes são frequentemente compostos em conjunto com a palavra *krak* (faca). Os Botocudos apresentados à sociedade antropológica em 1882 em Londres explicaram que “*Engerekmung* (sic!) não seria um nome tribal, mas apenas um nome de família ou nome pessoal”. Aqui naturalmente também deve ser lido *Krakmun* ao invés de *Engerekmung*. No francês, esse nome aparece de modo muito desfigurado como *Craikmous*, que deve estar incorreto pelo simples fato de que a letra **s** não existe na fala dos Botocudos.

Ao contrário do europeu, *Karai*, os Botocudos denominam seu povo, ou a sua raça, de *Bürũ*. Essa palavra parece corresponder a *buturunas*, encontrada em alguns relatórios. Além disso, cada um dos quatro ou cinco troncos maiores tem o seu nome específico, como p. ex., *Nāk-nenuk*, *Tākruk-krak* e outros. Além disso, as hordas individuais, nas quais se divide a respectiva tribo, denominam-se de acordo com os seus caciques ou outras pessoas muito conhecidas, como, p. ex., *Pošēša* dado a uma tribo dos *Nāk-nenuk*, adotando o nome de um cacique importante. Assim pode ser esclarecido o grande número de nomes¹⁷ encontrados na literatura.

Quando perguntado sobre o nome de seu povo, o indígena geralmente apenas menciona o tronco maior ao qual ele pertence.

16 Compare suas observações detalhadas em *Voyage d. prov. Rio*.

17 Martius, *Eth.*, p.315.

III. Locais de moradia e dispersão

A grande região da costa leste do Brasil, que se estende desde o emboque do rio São Francisco até o rio Pardo, atinge a sua extensão máxima na direção oeste, entre 16° e 20° latitude sul. Esse limite ocidental é a Serra do Espinhaço, o divisor de águas das regiões dos rios Doce, Mucuri, São Francisco e Paraná. A partir dessas montanhas, o país se estende a leste em forma de terraços em direção à costa. A margem leste da região do planalto propriamente dita é formada pelas cadeias de montanhas da Serra dos Aimorés, paralelas à costa, que, mais ao sul, chegam até perto do mar com o nome de Serra do Mar, estendendo-se até 30° latitude sul. Correntes volumosas de água descem da Serra do Espinhaço, interrompidas por inúmeras quedas, percorrendo o planalto da região sudeste da província de Minas Gerais, atravessando a Serra dos Aimorés em correntes mais amenas, passando pelas baixadas pela costa em direção ao mar.

Ao passo que na região da província da Bahia as matas costeiras já foram derrubadas, em grande parte para o cultivo da cana-de-açúcar, e as regiões do alto rio Pardo e Jequitinhonha pertençam em sua maior parte à região de campo, ainda hoje imensas florestas virgens cobrem todas as terras do rio Mucuri, rio São Mateus, Rio Doce e seus afluentes. É somente nas proximidades imediatas da costa do Espírito Santo e o alto Rio Doce que a cultura já começou a se alastrar.

Os declives e as ramificações finais da Serra dos Aimorés que perpassam essa região são a pátria propriamente dita dos Botocudos. A dificuldade de realizar viagens pela água nas corredeiras que descem do planalto de Minas impediu a ocupação dessas regiões tão ricamente beneficiadas pela natureza, de modo que os filhos da selva ainda hoje podem levar sua vida tranquila e sem perturbações na maior parte do território. Apesar de o comércio ser tão ativo na costa leste do Brasil com a Europa, nossos mapas apontam uma mancha branca de terra incógnita perto do litoral, entre os rios Doce e Mucuri.

Enquanto no início deste século as hordas de Botocudos vagueavam desde o Paraíba, ao sul, até o rio Pardo, na província da Bahia, em direção ao norte, o seu território está bem mais restrito atualmente. Hoje apenas o quadrado entre os rios Doce, Mucuri, Sassuí¹⁸ e São Mateus pode ser denominado de seu território, tratando-se de hordas selvagens independentes. É possível que também os indígenas hostis da tribo *Nocg-Nocg*¹⁹ no baixo rio Pardo devam ser contados entre os Botocudos. Em 1882, o governo pretendia assentar esses indígenas em aldeias do Distrito de Ilhéus. Os *bugres mansos* assentados em aldeamentos encontram-se no rio Jequitinhonha e ao sul do Rio Doce, em Cuieté (província de Minas Gerais) e no rio Guandu.

18 Original: *Sassuíhy*, trata-se do Rio Araçuaí. NO. No texto será mantida a grafia de P. Ehrenreich.

19 Esse nome lembra o nome da tribo *Näk-nenuk*, com o qual parece ser semelhante.

IV. Tribos e hordas

Uma contagem exata das tribos e hordas, bem como informações sobre o seu alastramento nas províncias de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia foi dada por Tschudi²⁰ com base no trabalho de Teófilo Ottoni e nos relatórios oficiais da década de 1850. Também devemos a Woldemar Schultz uma composição sobre isso em seus *Natur-und Kulturstudien* (Estudos sobre natureza e cultura).

Com base em pesquisas próprias e nos relatórios dos últimos anos, será dada a seguir uma visão geral sobre as atuais tribos nômades e tribos assentadas em aldeias.

A nação dos Botocudos se divide nas seguintes tribos principais:

Näk-nenuk;
Näk-erehä;
Etwet;
Takruk-krak e
Ñep-ñep.

Cada uma dessas tribos se subdivide em tribos menores, que se denominam pelo nome de seu cacique atual ou de um cacique anterior famoso entre eles.

²⁰ Tschudi, **Reise** (Viagem), vol. II, p.264.

I. Nāk-nenuk. Não é fácil esclarecer o significado desse nome. *Nāk* significa “terra, país”, *nenuk* poderia ser uma partícula de negação *nūk*, de modo que a expressão completa poderia significar “não a terra, não desta terra”. Tal expressão apontaria para uma imigração dessa tribo de regiões mais afastadas, nas quais não ficou mantida mais nenhuma outra tradição. Essa tradução feita por Tschudi²¹ foi informada também pelo intérprete do aldeamento de Mutum como sendo a correta. Apesar disso, parece bem forçada.

O famoso canoeiro Moreira, residente em Guandu e conhecido como o melhor conhecedor do idioma dos Botocudos, traduziu *nāk nanuk* (sic!) como “terra das muitas palmeiras, árvores frutíferas”, mas não pôde informar o significado da palavra *nanuk*, sendo também impossível descobrir com segurança se existe ou não este tipo de palavra para denominar palmeira ou árvore. Assim sendo, um esclarecimento correto dessa palavra é, no mínimo, muito duvidoso.

Uma terceira explicação é, segundo Martius, “*hominis terrae*”. Pelo vocabulário I (Glossário, p. 177), *gnuk* significa “o homem”. Essa palavra, tanto quanto posso assegurar, não está em uso, pelo menos atualmente. A palavra usada para homem é *wahā*.

No meu entender, a explicação mais acertada é que *nenuk* seja um pronome possessivo igual a “nosso”, portanto, *nak nenuk*, “nossa terra”, nesse contexto também “ocupantes, senhores da terra”, como também admitido por Tschudi²². Com certeza, na época foi possível constatar somente a existência dos pronomes *niniuk*, que significa “meu”, *huk* igual a “seu”, aos quais, pela sua forma, *nenuk* poderia ser muito bem correlacionada.

21 Tschudi, **Die Provinz Minas Geraes** (A Província de Minas Gerais), p. 19.

22 Tschudi, **Reise** (Viagem), vol. II, p. 264.

Os *Nāk-nenuk* estão distribuídos ao longo de toda a região entre Mucuri, Rio Doce, *Sassuí* e Serra dos Aimorés e vivem, em parte, como selvagens hostis e, em parte, já como mais ou menos domesticados. Dentre os selvagens, a horda mais temida é a dos *Pōšešā*, no Mucuri, que, já na época de Tschudi, encontrava-se em luta com os colonos de Mucuri, tornando-se muito temida nos últimos anos devido aos seus ataques para roubar as cargas de burros que transitavam entre Santa Clara e Filadélfia.

Em relatórios recentes são citadas as seguintes hordas assentadas:

Na região do alto Mucuri: *Poté*,

Pontora,

Norek.

No rio Sassuí Grande:

Batum,

Menino,

Paché,

Manoel Cameiro,

Chique Chique,

Felipe Giporok,

Joaquim Giporok

Maranca,

Sargento branco,

Patu,

Amanpan.

O pastor Hollerbach, de Teófilo Ottoni, no Mucuri, menciona ainda, além dos *Pōšešã*, as seguintes tribos²³ da região, provavelmente também pertencentes aos *Nak-nenuk*. 1: os *Poding*, assentados no aldeamento dirigido pelos capuchinhos, a 5 léguas ao sul sudoeste; 2: os *Pruntrus* (sic), a 7 léguas a leste da cidade; 3: os *Jikagirūn*, a leste da colônia; 4: os *Urucu*, nas matas entre Mucuri e o rio São Mateus.

Com assentamento fixo e sob a orientação de diretores, eles vivem no aldeamento de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri, a 30 km ao sul de Filadélfia, no município de Minas Novas.

Conforme o relatório de 1884, as seguintes tribos dos *Nāk-nenuk* se assentaram aqui: Giporok, Paruntum, *Cracataō*, *Pontaō*, Catulê, Crenhê e Potê. O número de cabeças informado é de 886, e provavelmente é menor.

II. *Nāk-erehā*, ou seja, as pessoas da “terra boa”, que vivem no alto e médio Guandu, antigamente civilizados sob a excelente orientação do capuchinho Frei Bento. Entretanto, eles retornaram à vida selvagem depois que o frei foi chamado de volta. Possuem pequenos cultivos de milho e cana-de-açúcar, moram em cabanas feitas de troncos de árvores e com frequência abandonam novamente suas moradias para retornarem à vida nômade nas florestas. Foi assim que os encontrei, junto com seu cacique *Cangike*, na mata virgem aos pés da Serra do Guandu, abaixo da Fazenda Milagre. Às vezes ajudam os moradores do local em épocas de colheitas a troco de uma retribuição irrisória, geralmente em forma de cachaça. Devido a sua tendência a roubos, importunam os moradores das localidades próximas. No passado, juntamente com o povo assentado em moradias fixas em Figueira e Puaya (no rio Sassuí Grande), formavam a seguinte tribo:

23 Original: *Horden*.

III. *Etwet*, o povo do famoso cacique *Pokran* que, na década de 30, soube acostumar seu povo a uma vida sedentária, estimulando-os ao trabalho. Por isso o governo designou-o como cacique superior de todos os indígenas²⁴. Numa fazenda em Linhares ainda pude ver o desenho desse homem enérgico, apresentando-o em vestimentas europeias, porém com lábios e orelhas de furos bem abertos, de acordo com o costume tribal antigo. O seu povo havia se fixado num aflente esquerdo do rio Manhuassú, atual rio Pocran, dispersando-se depois de sua morte. Os *Nāk-erehā* permaneceram em Manhuaçu e Guandu. Os *Etwet* se fixaram em Cuieté (aldeamento Bananal) e Figueira.

IV. Os *Takruk-karak*, totalmente selvagens e hostis, vivem na margem esquerda da Serra dos Aimorés até o rio *Sassuí* e importunam as cercanias de Filadélfia com seus roubos, do mesmo modo que os *Pōšešā*. Em 1882, destruíram o aldeamento de Mutum, com cujos moradores haviam entrado em luta. São inimigos dos:

V. *Nep-nep*, isto é, “pessoas que ainda estão aqui”, ainda selvagens, no entanto, amáveis com os europeus. Habitam as matas virgens ao leste da Serra dos Aimorés até perto do rio São Mateus. Eles se mostram normalmente nas águas do rio Pancas, onde permaneci com sua tribo durante três dias.

Antigamente eram inimigos ferrenhos dos brancos e ampliaram seus ataques de roubos até abaixo de Linhares, chegando a atravessar a margem direita do rio para importunar as localidades da costa, principalmente Riacho. Ainda no início da década de 1860, destruíram Fransilvânia, no emboque do rio Pancas e devoraram o seu proprietário, França Leite. Apesar de seu comportamento atualmente pacífico, é de se esperar que em curto ou médio prazo se tornem novamente

24 É a ele que se refere a observação de Martius, *Ethnogr.*, p.316.

hostis, devido às constantes explorações às quais estão sujeitos no contato com os moradores ou catadores de madeira. Especificamente é o tráfico de crianças, tão desaprovado por Tschudi²⁵, que tão frequentemente leva a hostilidades. De qualquer modo, o viajante ainda tem oportunidade de conhecer os filhos selvagens das matas no rio Pancas, na época em que os catadores de madeira de Guandu se dirigem para lá, mas não se pode contar com a certeza de encontrá-los, por isso é recomendado buscar informações junto a esses catadores quando retornam do Guandu. Pouco favoráveis para uma viagem ao rio Pancas são os meses das cheias de dezembro a março, quando a viagem por via fluvial costuma ser difícil e perigosa.

Os *Nāk-pōrūk* (ou seja, “terra das muitas pegadas”, caçadas) viviam na margem esquerda do Rio Doce, entre Figueira e Guandu e estão praticamente desaparecidos. Outras tribos, antigamente importantes e agora aliadas, são:

- os *Arauan*, fixados no médio rio Arauan, afluente do rio Urupuca, que desemboca no rio Sassuí Grande;
- os *Bakués*, ao norte de Mucuri até os afluentes ao sul do Jequitinhonha;
- os *Pampan*, no afluente do rio Mucuri, de mesmo nome, em Água Branca, Robim e Cram, São Francisco e São Pedro.

Finalmente, no rio Pardo, os *Nocg-nocg* (*Nak-nenuk?*). Dessa tribo não consegui obter nenhuma notícia. O número total desses indígenas chega a aproximadamente 5.000 cabeças, metade dos quais ainda se encontra em estado independente.

25 Tschudi, **Minas Gerais**, p. 20.

Aldeamentos bem organizados nessa região existem ao todo somente dois:

1º: Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri, habitado por 886 cabeças em 1884;

2º: Imaculada Conceição do Rio Doce (Puaia), habitado por 241 indígenas. Nesses assentamentos é realizado um cultivo regular de café, milho, feijão, mandioca e cana-de-açúcar; muitos nativos frequentam a escola e a igreja.

Os demais assentamentos de indígenas se encontram em estado de completo abandono, de modo que contribuem bem mais para o retorno à selvageria e à depravação moral dos seus habitantes do que para sua civilização. Também o Aldeamento de Mutum, localizado na margem direita do Rio Doce, a única aldeia da província do Espírito Santo, a uma légua distante do Empório Porto Tatu, anteriormente estabelecido na margem esquerda do rio e que há poucos anos atrás se encontrava em condições sofríveis, não cumpre mais com a sua finalidade. Até então a aldeia possuía boa terra cultivável e casas sólidas, cobertas com telhas, e era ocupada por cerca de 150 colonos indígenas em 1880, geralmente de tribos dos *Nāk-nenuk*. No entanto, em 1881 ocorreram hostilidades com os *bugres bravos* que habitavam as florestas vizinhas. O intérprete do aldeamento (um dos melhores conhecedores dos indígenas) foi morto a tiros pelos selvagens, que destruíram as casas em novas invasões, roubando provisões e utensílios, até que, perdendo vários dos seus, foram recuados de volta as suas matas pelos *bugres mansos*, com ajuda dos indígenas amigos, os *Ñep-ñep* do rio Pancas.

O aldeamento, com suas construções praticamente destruídas na margem esquerda do rio, foi abandonado, já que não oferecia mais nenhuma segurança contra as hordas hostis. O diretor se assentou em frente, na margem direita, o intérprete permaneceu numa ilha, de

onde as duas margens podem ser observadas e, desde então, os indígenas vivem a meia hora rio abaixo, na margem direita, em barracas miseráveis, construídas com estacas. Visto que o pedido do diretor (atualmente o Sr. August Adnet, um norte-americano) para que fossem disponibilizados recursos financeiros para o aldeamento para construir casas novas, sólidas e seguras contra invasões não foi atendido por parte do governo e, das poucas subvenções regulares (anualmente 2 contos a 800 mil réis, deduzidos os salários dos funcionários públicos, equivale a 5.000 marcos), nada sobrava para novas construções, o aldeamento propriamente dito ficou abandonado até hoje. Banhados, matagais e capoeira ocupam o lugar dos antigos cultivos e as moradias e casas administrativas estão desertas. Em Mutum, o diretor está presente, pelo menos em alguns meses, ao passo que nos demais assentamentos não existe nenhuma direção superior, como é o caso das aldeias dos *Nāk-erehā* no rio Guandu ou, quando existem diretores, raramente ou nunca são visitados por eles.

É facilmente compreensível que desse modo os indígenas, sem orientação racional, sem instrução e sem trabalho regular acabem sendo gradativamente mais e mais desmoralizados. O governo fornece dinheiro para aquisição de vestuário, gêneros alimentícios, ferramentas, no entanto, o uso correto não é suficientemente fiscalizado. Ninguém pode dizer quantos desses recursos acabam em bolsos alheios. Muitas tribos, por exemplo, os *Nāk-erehā* estão totalmente abandonadas, não recebem absolutamente nada e, quando não conseguem obter o seu sustento pela caça e pesca, vivem de esmolas ou recorrem a roubos, pois, por falta de ferramentas, mal podem manter as plantações próprias, enquanto que seu trabalho junto aos colonos é pago miseravelmente, geralmente consistindo somente de cachaça. Por exemplo, os de Mutum possuem tão pouco que, quando conseguem obter alguns animais domésticos como gado ou aves, imediatamente os consomem, totalmente despreocupados com o futuro.

Não se pode falar de qualquer cultura intelectual. Infelizmente temos por demais vezes nos relatórios do governo a observação “o aldeamento não tem escola, ninguém sabe ler”. Frequentemente a observação vem acompanhada da notícia “são todos baptizados”. Uma bela exceção nesse sentido é o Aldeamento Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri, já mencionado acima.

Uma circunstância bem desfavorável é que a posição dos indígenas assentados em aldeias não é suficientemente definida. Usufruem da proteção incondicional do governo, sem serem solicitados a cumprir com seus deveres. A penalidade para crimes e atos de delinquência cometidos está nas mãos do diretor quando está presente, mas ele somente tem o direito de prender o culpado, fato que não afeta em nada um indígena, considerando a sua preguiça e indolência inatas. Desse modo, os piores crimes cometidos por esses bandos selvagens ficam impunes com excessiva frequência. Há certo tempo, um homem de Mutum matou o seu irmão por vingança ou ciúme por ocasião de uma caça e justificou-se junto ao diretor com estas simples palavras: “No meio do matagal pensei que se tratasse de uma capivara!”.

Muito frequente é o sequestro de mulheres entre as tribos. Por exemplo, durante minha permanência em Mutum, apareceram certo dia vários *bugres* civilizados de Cuieté, aparentemente para visitar seus parentes. Usavam vestimentas europeias, estavam armados com facas e espingardas para caça e comportavam-se relativamente bem. Mas, por fim, constatou-se que só haviam vindo para convidar algumas famílias de Mutum para acompanhá-los até Cuieté. Durante a caminhada, os homens seriam mortos e as mulheres sequestradas. Felizmente o intento foi descoberto a tempo e as pessoas presas pelo subdelegado de Guandu.

A proximidade de localidades maiores favorece em todos os sentidos o alastramento do vício da bebida e a falta de bons costumes

entre os indígenas “cristãos e civilizados”. Qualquer ganho de dinheiro, na maior parte das vezes, é imediatamente gasto em cachaça ou rum; os moradores brancos e negros ou os que se encontram de passagem providenciam de bom grado, no seu contato com mulheres indígenas, a produção de misturas de todos os tipos possíveis, infelizmente de modo perigoso, ocasionando a propagação de doenças venéreas. Por isso a pureza da raça da próxima geração está seriamente ameaçada na maior parte dos aldeamentos.

Desse modo, no que se refere a sua cultura moral, os *bugres mansos* “cristãos” não são em nada superiores aos selvagens das mesmas tribos. Também tiveram que pagar bem caro por sua depravação moral e física ao se aproximarem da civilização.

O quanto essas circunstâncias são melhores nos aldeamentos bem organizados acima mencionados, isso não posso dizer pela observação própria. Entretanto, ouvi julgamentos bem favoráveis sobre a atividade e os êxitos de missionários nesses lugares. Um trabalho cultural efetivo entre os indígenas é dificultado a começar pela sua falta de conhecimento da língua portuguesa. O único meio de trazê-los para mais perto da civilização seria assentá-los no meio de colonos europeus, instruir os seus filhos nas casas dos colonos e ocupá-los com trabalhos mais leves. Nos da velha geração possivelmente pouca coisa pode ser melhorada. Os mais novos, ao contrário, iriam se mostrar como totalmente aptos para um acultramento num ambiente diferente, estimulados a uma atividade regular e com tratamento humano, porém enérgico, fato já bastante comprovado em indivíduos isolados.

V. Descrição etnológica

A descrição etnológica dos *Aimorés* deve apoiar-se em primeiro lugar à consideração das tribos de vida nômade, as quais, desde a época do Príncipe de Wied, praticamente não mudaram nada de seu modo de vida primitiva e vagueiam ainda hoje pelas regiões das matas densas no Rio Doce e Mucuri, sem terem conhecimento da “polidez maquiada da Europa”. Uma visita rápida, porém muito interessante a uma das tribos dos *Ñep-ñep* no Rio Pancas, forneceu-me uma visão sobre a vida e a atividade desses homens primitivos. Devo à minha permanência junto aos *Nāk-nenuk* no aldeamento de Mutum e aos *Nāk-erehā* no Guandu o meu material antropológico e linguístico, bem como diversas informações sobre usos e costumes dessas e outras tribos ainda inacessíveis.

No que se refere ao aspecto visual desses selvagens, não é tão assustador como se admite muitas vezes com base em descrições e desenhos de viajantes antigos. Parece que muitos observadores se deixaram levar a reproduzir somente as figuras feias, a fim de causar sensação sobre o público europeu. O mesmo podemos ver, entre outros, também no caso de viajantes para a África, tais como Burton²⁶, cuja maioria de tipos de negros descritos devem ser considerados como

26 Trata-se do viajante Richard Francis Burton (1821-1890), escritor, diplomata, geógrafo e explorador britânico, autor de *Explorations of the Highlands of Brazil*. NO.

caricaturas. Pelo menos da minha parte posso confirmar plenamente o que o nosso famoso observador, o Príncipe de Wied diz sobre esses indivíduos:

A natureza deu a estes homens uma boa estrutura física, pois eles têm uma figura melhor e mais bonita do que as demais tribos. Em sua maioria, são de estatura média, sendo que alguns deles atingem um tamanho considerável. São fortes, geralmente têm peito e ombros largos, são carnudos e musculosos e bem proporcionados; os pés e as mãos são delicados; o rosto apresenta traços marcantes, maxilares normalmente largos, às vezes um pouco achatados, de configuração não raramente regular. Seus narizes são grossos, geralmente retos ou suavemente curvados, em resumo, alguns apresentam narinas um pouco largas e, alguns poucos, muito salientes.²⁷

Para complementar esse quadro geral, podem ser úteis ainda alguns dados: de acordo com a medição de 15 corpos, o tamanho físico é: em 10 homens, 163 - 148 cm, média de 158,6 cm; em cinco mulheres, 153,5 - 146 cm, em média 149,5 cm²⁸. Portanto, de acordo com isso, a estatura pode ser designada no máximo como média.

Em muitos deles, a envergadura supera a altura, ao passo que, em outros, é muito menor.

O comprimento dos membros superiores é relativamente considerável. Em percentuais referidos à altura do corpo, o comprimento medido foi: em 10 homens, 48,8 - 43,2, com média de 46,3 cm; em cinco mulheres, 45,1 - 43,5; média de 44,25 cm.

27 Príncipe de Wied, **Reise** (Viagem), II, p. 3.

28 Nos indivíduos descritos por Serres, em **Comptes rendues** XXI, os homens apresentaram um tamanho de 185 - 118, e as mulheres, 136 - 116 cm.

As mãos são pequenas e delicadas, o seu comprimento, calculado do mesmo modo, é: em 10 homens: 9,03 - 12,1, média 10,65 (apenas um caso acima de 11,4); em cinco mulheres: 9,2 - 11,3, média 10,36. Nesse sentido, os Botocudos são diametralmente opostos aos mongóis, cujo comprimento de mãos é possivelmente o maior de todas as raças²⁹.

As extremidades inferiores são um pouco curtas, apenas parecem ser mais longas devido ao desenvolvimento fraco de sua musculatura, principalmente nas pernas. A altura do trocânter é: em 10 homens, 52 - 47, média 49,8; em cinco mulheres, 51,7 - 50,5, média 50,7, em percentuais referidos à altura total. O comprimento dos pés é: em 10 homens, 13 - 16,2, média de 14,97 cm; em cinco mulheres, 15,05 - 15,7, média de 15,3 cm, portanto não se desviando muito da média europeia. No restante, a musculatura física é bem formada, embora não pareça tão desenvolvida quanto a dos negros. A configuração do tórax é praticamente retangular, a barriga geralmente saliente, principalmente a das crianças. Os seios das mulheres são precocemente flácidos. Os quadris não são muito largos. Não constatei o pequeno tamanho dos genitais masculinos atribuído por alguns viajantes à raça americana.

No que se refere às feições do rosto, ainda deve ser mencionado que a boca, apesar de ser larga, não tem lábios grossos; a saliência dos ossos malares, pronunciada nos ossos do crânio de indivíduos mortos, não chama muito a atenção no ser vivo, devido às bochechas que, nesse caso, encontram-se preenchidas. O nariz é muito estreito em sua raiz, alargando-se mais e mais em direção à ponta. As narinas são muito largas, com grande abertura, o perfil do nariz é relativamente côncavo, com a ponta um pouco erguida.

29 Topinard, *Anthrop*, p.1090.

Os olhos estão próximos um do outro, correspondendo à estreiteza dos ossos nasais e são muito fundos devido à proeminência do lobo supraorbital. A fenda palpebral é pequena, um pouco amendoada, semelhante à dos mongóis, porém a dobra da pálpebra superior que cobre o canto interno não é tão desenvolvida como nos olhos dos mongóis. O saco lacrimal ainda é visível.

Tabelas de medidas físicas

Botocudos	Oran ♂ 45 a.	Žaketon ♂ 20-25 a.	Vāk ♂ 30-35 a	Morokmön ♂ 25 a	Tewāk ♂ 20 a	Paulino ♂	Žentnuk ♂ 25 a
	1	2	3	4	5	6	7
Medidas corporais em centímetros							
Altura total	161	158,5	154,5	183	154,5	156,75	157
Envergadura braços abertos	169	170	160	178	152	157,5	159
Largura dos ombros	36	40	38	40	35	36	35
Altura até os ombros	134	134	129,5	139,5	128,5	131	131
Altura até o cotovelo	103	100,5	99	105	99	100	101
Altura até o pulso	76	76,5	74,5	78,75	75,5	76	78,5
Altura até o dedo médio	57,5	58,75	58,5	60,5	58,5	59,5	59,75
Altura osso esterno	113	112	110,5	117,5	111	112	113
Altura até umbigo	96,5	95	91,75	99	94,25	94	95
Altura até bacia	95,5	91	91	100	96,75	96	98,5
Altura até trocânter	78	78	78	86	80,5	80,5	80
Altura até joelho	44	48	45,5	46,5	44	42,75	41,5
Altura do tornozelo	8	8	7,5	7,25	7,75	6,5	7
Comprimento da mão	17	17	16,5	17	17	16,5	16
Largura da mão A	9	8	9	9,5	9	9	9
Largura da mão B	8	7,5	8	8	7,75	7,75	8
Comprimento do pé	24	25,5	23	24	23	24	24
Largura do pé	9	10	9	9	9	10	9
Perímetro do peito	89	93	84	95	87	94	87

Botocudos	Oran ♂ 45 a.	Žaketon ♂ 20-25 a.	Vāk ♂ 30-35 a	Morokmön ♂ 25 a	Tewāk ♂ 20 a	Paulino ♂	Žentnuk ♂ 25 a
Medidas da cabeça, em milímetros							
Comprimento maior	192	190	190	185	184	190	193
Largura maior	155	146	140	145	149	146	156
Altura até a orelha	114	120	133	120	120	126	133
Largura da testa	115	125	110	120	120	121	118
Altura do rosto (início couro cabeludo-queixo)	195	184	195	190	185	184	185
Alt. rosto (raiz do nariz-queixo)	126	110	115	125	120	127	118
Distância arco zigomático	140	128	125	133	125	128	125
Distância ângulo mandibular	120	112	103	107	112	113	100
Dist. entre âng. internos olhos	25	19	17	20	20	20	20
Dist. entre âng. externos olhos	85	80	83	80	88	78	80
Altura ³⁰ do nariz	61	50	45	50	54	52	52
Comprimento ³¹ do nariz	56	52	45	49	40	52	49
Largura do nariz	45	40	35	36	40	39	40
Comprimento da boca	60	50	55	57	52	54	55
Cor							
Cor do rosto	33 o	33 p	33 o	33 m	2 n	33 r	4 s
Cor do corpo	33 l	33 m	3 g	33 m	33 q	33 p	4 s
Cor da íris	5 l	5 l	4 c	4 h	4 h	3 h	4 k

³⁰ Original: *Nasenhöhe*.

³¹ Original: *Nasenhöhe*.

Botocudos	Žamnuḱ ♀ 18-20 a.	Chico ♀ 18 a.	Žamañku ♀ 18 a.	Kanžirān ♀ 17 a.	Žunukmā ♀ 30 a.	Nkantip ♀ 20 a.	Žākwēn ♀ 40 a.	Espoleta ♀ 20 a.
	8	9	10	11	12	13	14	15
Medidas corporais em centímetros								
Altura total	155	157,5	148	152	146	146,25	153,5	149,5
Enverg. braços ab.	153	165	161	150	143	142	154	150
Largura ombros	34	36	36	36,5	32	32,5	34	35
Altura ombros	129	131	123,5	125,5	123	121,5	127,5	122,5
Altura cotovelo	99	99	93,75	95	96	92,5	97	93,5
Altura até o pulso	78	74	68,5	73,5	74,5	71,5	75	71,5
Alt. até dedo médio	61	56	51	57	59	56	57,25	55,5
Alt. osso esterno	111	113	104	106	107,25	106,5	109	106
Altura até umbigo	93,5	94,75	89,5	96	88	91	92	86,5
Altura até bacia	96	98	92,5	97	90,5	92,5	96	92
Altura trocânter	76	77	77	74	75,5	74	80,5	75,5
Altura até joelho	37	41	40	41,5	40	36	37,5	40
Altura tornozelo	6,5	7,5	7	7	6,75	6,5	6	6,75
Comprimento mão	16	18	18	14	15	15	16,5	17
Largura da mão A	9	9,5	9	8	8,5	8	7,75	8,5
Largura da mão B	7,5	8,5	8	7,5	7,5	7	7,5	7,5
Comprimento pé	23	25	23	23	22	23	24	22,5
Largura do pé	8,75	10	8,5	9	8,5	8	8	8,5
Perímetro do peito	88	96	85	89	80	87	86	87

Botocudos	ŽamnuK ♀ 18-20 a.	Chico ♀ 18 a.	Žamañku ♀ 18 a.	Kanžirān ♀ 17 a.	Žunukmā ♀ 30 a.	Ŋkantip ♀ 20 a.	Žākwēn ♀ 40 a.	Espoleta ♀ 20 a.
Medidas da cabeça, em milímetros								
Compr. maior	190	190	182	183	172	180	180	171
Largura maior	151	150	140	144	140	148	143	141
Altura até a orelha	125	120	115	122	114	135	127	128
Largura da testa	116	130	121	122	120	120	120	110
Alt. Rosto (início couro cab.-queixo)	186	190	186	184	169	177	175	166
Alt.rosto (raiz do nariz-queixo)	114	130	123	110	91	110	109	114
Dist.arco zigomático	130	130	125	128	125	126	127	120
Dist. ângulo mandib.	110	105	102	104	103	98	108	100
Dist. âng. int. olhos	20	20	18	20	20	18	20	18
Dist.âng. ext. olhos	80	84	82	72	72	80	76	82
Altura ³² do nariz	46	51	45	45	50	48	48	50
Compr. ³³ do nariz	46	50	46	45	46	48	45	45
Largura do nariz	38	40	41	40	37	35	40	40
Compr. da boca	50	48	44	45	50	50	47	50
Cor								
Cor do rosto	33 s	33 n	4 u	3 t	4 t	4 t	33 s	4 s
Cor do corpo	33 q	4 l	4 t	33 m	33 o	33 o	33 n	4 s
Cor da íris	4 k	4 h	4 h	4 c	4 c	4 l	4 c	4 h

32 Original: *Nasenhöhe*.

33 Original: *Nasenhöhe*.

Índices das medidas físicas

J. ³⁴	Homens (♂)										Mulheres (♀)						
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Média	1	2	3	4	5	Média
LB: Längenbreitenindex (p. 68): índice cefálico compr.-largura)	75,5	76,8	78,6	78,2	75,6	76,8	75,6	78,9	78,9	76,9	76,9	78,1	81,9	82,8	79,4	82,4	80,8
LH: Längenhöhenindex (p. 69): índice cefálico compr.-altura)	54,2	63,1	70,0	66,6	65,2	66,3	68,8	65,8	63,2	63,2	64,6	66,6	76,6	75	70,6	74,8	70,6
Gj: (Gesichtsbreitenindex (p. 74): índice zigomático)	91,5	85,9	92	93,9	95,1	99,2	94,4	87,7	100?	98,4	93,8	85,9	72,8	87,3	85,8	95	85,4
Nj: (Nasenindex? (p.73): índice nasal?)	72,1	80	77,7	73,5	74	75	76,9	82,5	78,4	91,1	78,4	88,8	74	75	83,3	80	80,2
Altura do corpo = 100 ³⁵																	
Comprim. extremidade superior	47,5	48,1	46	43,2	45,2	45,7	47,7	43,8	47,6	48,7	46,3	43,5	43,8	44,2	45,1	44,7	44,3
Comprimento do braço	19,2	21,1	19,7	18,9	19,0	19,8	19,1	19,3	20,0	20,0	19,6	19,7	18,5	19,8	19,2	19,4	19,3
Comprimento do antebraço	16,8	15,1	15,8	14,3	15,2	15,3	14,0	14,2	15,9	17,0	15,3	14,5	14,7	14,4	14,3	14,9	14,6
Comprimento da mão	10,6	10,7	10,7	9,03	11,0	10,5	10,2	10,3	11,4	12,1	10,6	9,2	10,3	10,2	10,8	11,3	10,4
Comprim. extremidade inferior (altura do trocânter)	48,4	49,2	50,5	47	52	51,6	51	49	47,6	52	49,8	48,7	51,7	50,6	52	50,5	50,7
Comprimento da perna (joelho)	27,3	27,9	28,9	24,8	28,5	27	27	23,9	26	27	26,8	27,3	27	24,7	24	26,9	26
Comprimento do pé	14,2	16,1	14,1	13,1	14,9	15,1	15,3	14,9	15,9	16,2	14,9	15,1	15,1	15,7	15,7	15,1	15,3
Altura do umbigo	60	60	59,4	54	61,2	60	60,5	63,2	60	60,5	59,9	63,3	60,3	62,2	60	57,9	60,7

34 No original estão informadas somente as siglas J, LB, LH, Gj e NJ. Nota da Tradutora (NT).

35 Os valores dados se referem a percentuais em relação a altura do corpo. NT.

A cor da íris naturalmente não é *preta* como tantas vezes lemos em relatórios de viagens, porém mais ou menos marrom-escuro, correspondendo aproximadamente a 5l, 4c, 3h, 4m e 4l da escala de Radde³⁶. Olhos azuis, os quais o Príncipe³⁷ relata, eu nunca vi. Possivelmente devem ser atribuídos a miscigenações.

A expressão do rosto, pelo menos nos jovens, é “aberta, livre e amável”, ao passo que nos indivíduos velhos não faltam fisionomias selvagens e sombrias. Também o temperamento dos Botocudos não é tão calmo, sendo quase melancólico, sua postura não tão gravitacional e ereta quando a dos peles vermelhas da América do Norte³⁸. Apesar da vida nas matas escuras de seu território, são mais alegres e falantes, amando a dança, os cantos e a música europeia³⁹.

É muito difícil determinar com precisão a cor da pele, pois num mesmo indivíduo aparecem muitas nuances diferentes. Em seu todo, a pele é clara, principalmente nos indivíduos jovens, que muitas vezes mostram de modo chamativo o *branco colorístico* de Avé Lallemand⁴⁰ (33 da escala de Radde). Nos mais velhos, a cor se mantém nas nuances do marrom⁴¹, passando para tonalidades mais escuras como no peito, coxas e parte externa dos braços. A coloração mais clara está geralmente no rosto. Em muitos indivíduos, essa coloração se distingue claramente no centro do pescoço em relação à cor mais escura do peito.

36 Otto Radde. Ver: Radde's Internationale Farbenskala: 42 Gammen mit circa 900 Tönen (42 gamas e tonalidades, editado em 1877). NO.

37 Príncipe de Wied, *Ibidem*; II.

38 Hartt, *Ibidem*, p. 632.

39 A. de St. Hilaire, **Voy. d. l. pr. Rio II**, 139, 151. Ao contrário disso, Rey I. c. 71 diz: “*la physiognomie est habituellement grave et ne change guère que pour s'épanouir dans um gros rire*”.

40 Robert Christian Barthold Avé-Lallemand (1812-1887) foi um médico e explorador alemão.

41 Os mais comuns são 33 l - q (Radde). Além disso, das nuances claras do marrom ainda aparecem alguns com uma cor básica avermelhada, principalmente zinabre ou laranja, p. ex. 2 u, 3 t, 4 s, 4 t. As colorações mais escuras por mim observadas igualmente têm a cor básica avermelhada 3 g e 4 l.

Os cabelos dos Botocudos se assemelham em sua forma a de todos os americanos: grosseiro, forte, esturricado, em forma cilíndrica na seção transversal. A sua cor é mencionada simplesmente como sendo preta pela maioria dos autores, porém expresso em sua generalidade, isso está incorreto. Nas tribos do Rio Doce, os cabelos dos recém-nascidos são decisivamente marrom-avermelhados (escala de Radde 3f-i), escurecem gradativamente até a puberdade e, mesmo em indivíduos idosos, permanece um brilho marrom-avermelhado, principalmente se a luz incidente for oblíqua. O Príncipe⁴² já cita essa cor, mas a atribui somente àqueles indivíduos que se caracterizam simultaneamente pela cor de pele clara⁴³. Na verdade, eu a constatei sem exceção em todos os que vi, sendo mais marcantes em crianças de cor bem clara. Na menina ajoelhada que aparece em primeiro plano na foto (Figura 6), a cor clara dos cabelos aparece bem nítida. O quanto as diversas tribos se diferenciam uma da outra nesse sentido é comprovado por duas amostras de cabelos que devo à amabilidade do pastor Hollerbach (de Teófilo Ottoni, no Mucuri). Uma menina de 8 a 9 anos da tribo dos *Põšẽšã* apresenta uma coloração de cabelos de um marrom fraco, ao passo que o jovem de 16 a 17 anos da tribo dos *Jikagirũn* não apresenta nenhuma tonalidade de marrom misturada.

42 Príncipe de Wied, **Reise** (Viagem), II, p. 4.

43 Também tribos americanas apresentam cor de pele semelhante. Dr. von Steinen constatou essa cor nos Jurunas (Durch Centralbras, **Através do Brasil central**, p. 265).



FIGURA 6. FOTOGRAFIA DE PAUL EHRENREICH. ÍNDIOS BOTOCUDOS DO RIO DOCE, 1894.
LEIBNIZ-INSTITUT FÜR LÄNDERKUNDE.

O crescimento da barba não é tão insignificante quanto se supõe normalmente⁴⁴, no entanto, geralmente eles arrancam os pelos, reduzindo-os a um mínimo. O mesmo vale para os pelos pubianos.

Muitos viajantes salientaram a semelhança de várias tribos americanas com os mongóis, chegando até mesmo a associar os americanos aos mongóis como se formassem uma raça única (compare, p. ex., Peschel). Lallemand denomina os indígenas de “mongóis do oeste”! Nesse contexto não é possível tratar dessa questão tão complexa, se os mongóis e americanos formam uma única raça ou não. O material das observações antropológicas disponível até o momento está longe de ser suficiente para decidir isso. A resposta é tanto mais complexa uma vez que são constatados cada vez mais indícios de contatos de ameri-

44 Rey, l. c. p. 71.

canos com a população da Polinésia em tempos passados. Creio que precisamos considerar a população americana primitiva igualmente como uma raça específica, do mesmo modo como os malaios, até que nos seja possível desmembrar todos em seus componentes isolados.

Entretanto, a afirmação de vários viajantes, de que em especial os Botocudos seriam representantes americanos do tipo mongol⁴⁵, deve ser refutada, embora muitas fisionomias lembrem o tipo do nordeste asiático. Na maioria, essa semelhança se limita ao formato da fenda palpebral, que é fendida em forma amendoada nas duas raças, parecendo levemente oblíqua. Com razão, o Príncipe de Wied já chama a atenção a esse fato⁴⁶: “Estaríamos muito errados se quiséssemos atribuir uma constituição semelhante em todos esses selvagens”. A cor da pele, comparada com o *amarelo* dos chineses devido à sua claridade, contém uma tonalidade básica, tendendo ao vermelho e, em suas nuances mais claras, aproxima-se bem mais do branco europeu. Por isso, o rubor nas faces pode ser observado com muita frequência em indivíduos muito claros.

Entretanto, as grandes diversidades que a configuração do crânio dos Botocudos permite reconhecer em relação aos mongóis condicionam diferenças significativas na formação da cabeça e do rosto de indivíduos vivos de ambas as raças. A testa dos Botocudos é mais larga e mais baixa, os olhos parecem mais fundos e mais próximos um do outro em comparação aos dos mongóis. O perfil do nariz é mais saliente nos Botocudos, de modo que o rosto não parece tão chato como o dos asiáticos⁴⁷, apesar da proeminência dos ossos zigomáticos. Provavelmente uma comparação das proporções físicas das duas raças, que ainda não pode ser feita de modo satisfatório considerando os poucos

45 Compare p. ex. St. Hilaire, **Voy. d. l. pr. Rio. II.**, 281 e **Voy. d. l. distr. Diam. II.** 362.

46 Príncipe de Wied, *Ibidem*, II, 68.

47 **Archiv f. Anthr.** (Arquivo para antropologia) IV, p. 141.

materiais disponíveis, irá mostrar igualmente muitas diferenças. De modo geral, falta nos cabelos dos Botocudos e dos americanos o brilho próprio dos cabelos dos mongóis, embora a forma do corte transversal seja praticamente a mesma e nunca apresente o preto azulado dos mongóis. Apesar de muitas semelhanças incontestáveis entre as duas raças, não podemos deixar de considerar também as consideráveis diferenças.

VI. Adornos corporais

Das alterações artificiais que os Botocudos fazem no seu corpo, a mais conhecida é a furação do lábio inferior e dos lóbulos das orelhas para colocar os discos de madeira, os *botoques*. Os viajantes mais conhecidos relatam coisas extraordinárias sobre isso. Por exemplo, o Príncipe de Wied (*Reise* II, p. 5) fala sobre o disco de madeira de quatro polegadas usado pelo cacique *Kerengnatnuk*. Esses enfeites são produzidos com a madeira muito leve da conhecida árvore barriguda (*bombax* ou *Chorisia ventricosa*). Normalmente são somente as mulheres que usam o enfeite completo nos lábios e nas orelhas, ao passo que os homens apenas enfeitam as orelhas. Atualmente esse costume está em vias de desaparecer e é encontrado de modo mais alastrado somente nas tribos ao sul do Mucuri e nas tribos *Takruk krak* no alto Rio Doce. Dos indivíduos do rio Pancas, mais ou menos a metade usa esse enfeite. Da horda dos *Žunuk*, que tive oportunidade de visitar, ele não é usado por ninguém. Eu vi os discos de madeira nos lábios somente nas mulheres mais idosas de Mutum e Guandu (*Nāk-erehā*); além disso, os vi em muitos homens cujos lóbulos das orelhas furadas pendiam longas para baixo e, se rasgassem durante suas caminhadas nas matas, simplesmente eram unidas novamente com fios de união⁴⁸. O lábio enfeitado com o batoque fica estirado para frente na horizontal

48 Sobre enfeites semelhantes nos mais variados povos da terra compare Pr. de Wied, *Reise* II, p. 8, e Keane em sua palestra.

e nunca toca o lábio superior, como mostrado nas figuras do *Atlas* do Príncipe de Wied.

Atualmente é mais propagada a raspagem dos cabelos, permanecendo somente uma cobertura de cabelos na linha divisória até a borda superior da orelha. Os demais cabelos do corpo – barba, sobrancelhas, cílios etc – geralmente são totalmente depilados pelos selvagens. Nas hordas fixadas em aldeias, esse costume também está desaparecendo mais a cada dia. O corte dos cabelos é feito com farpas afiadas de canos de taquara. A pintura do corpo é realizada quando existem guerras e festejos e geralmente é feita com urucum, a semente prensada da *Bixa orellana* (*bixaceae*). Dessa semente eles produzem uma espécie de pasta que, após umedecida, fornece uma tintura de vermelho intenso. Do mesmo modo, é usado o corante preto azulado do jenipapo (*Genipa brasiliensis*).

As mulheres de Pancas apresentam muitas cicatrizes do comprimento de um palmo em várias partes do corpo, originadas de feridas causadas pelos homens como castigo por eventuais delitos, p. ex. contra o sexto mandamento. Mas, como relatado por Saint-Hilaire, frequentemente elas pagam pelo recebido na mesma moeda.

VII. Cultura material

O nível cultural dos Botocudos certamente é um dos mais baixos que podemos encontrar atualmente em qualquer povo da terra. Ainda nos dias de hoje, as tribos selvagens vivem em nudez completa, eu não vi nem mesmo a cobertura dos genitais com uma camada de folhas junto aos indivíduos de Pancas, como mencionado pelo Príncipe de Wied.

Os belos enfeites de penas de outras tribos da América do Sul lhes eram desconhecidos e, mesmo na época do Príncipe de Wied, só eram usados excepcionalmente⁴⁹. O único enfeite são colares, antigamente feitos de frutas ou sementes enfileiradas uma na outra, junto com dentes de animais (principalmente da capivara); hoje em dia muitas vezes eles usam miçangas.

As suas moradias (*Kižēm*) são coberturas simples feitas de pequenos troncos de madeira, colocados enviesados, atados com cipós e cobertos com folhas de palmeira ou helicônias. Em tempos de chuva, a parte frontal aberta e os lados igualmente são fechados com folhas que podem ser viradas para o lado num lugar que serve de entrada. Segundo relatos do Príncipe, cabanas ainda mais primitivas eram feitas de ramos de palmeira espetados em círculo na terra, de modo que

49 Pr. de Wied, *Ibidem*, II, 13.

suas extremidades superiores se tocavam como uma ramagem. Normalmente um abrigo desses abriga várias famílias. Os *Nep-nep* no rio Pancas viviam numa cabana que media 10 passos de comprimento, na qual encontrei sentadas quatro famílias uma ao lado da outra, separadas entre si pelo seu fogo. Os indígenas sedentários constroem cabanas de troncos cobertas com cascas de árvores.



FIGURA 7. CABANA DOS *NĀK-EREHĀ* NA MATA VIRGEM.

Como camas de dormir usam folhas ou também cinzas, ao passo que as tribos assentadas em aldeias usam armações de troncos. Desconhecem completamente as redes que são usadas na costa leste pelos Tupis e também pelos Coroados e Puris.

Chama muito a atenção que também não conhecem o uso de canoas⁵⁰. Somente os indígenas das aldeias aprenderam a construir

50 A. St Hilaire, *Voy. d. l. pr. Rio I*, 193.

canoas com troncos de árvores cavados em seu interior por orientação de outros indígenas aldeizados, cujos mestres eram de outras tribos.

A palavra *tšōn kāt*, “*pele de árvore, casca de árvore*”, que eles usam para denominar as canoas, embora as de cascas sejam totalmente desconhecidas nessas regiões, poderia indicar que antigamente os Botocudos usavam esse tipo de meio de transporte, enquanto que agora, afastados de rios navegáveis e vivendo nas matas montanhosas regadas pelas corredeiras das águas das montanhas, não sabem mais como construí-las⁵¹. Mas é provável que o nome dado acima se refira às canoas de cascas dos Tupis da costa. É pouco provável que os Botocudos abandonassem a construção de tais meios de transporte se tivessem entendido realmente como construí-los. A completa ausência de um meio de navegação nessa tribo, ainda que primitivo, confere com a falta de habilidade de natação, a qual ainda será tratada mais adiante.

Também a cerâmica não se desenvolveu entre eles. Os vasos de argila expostos em muitas coleções como sendo produzidos pelos Botocudos originam-se possivelmente de aldeamentos, nos quais os negros tinham experiência na fabricação de utensílios feitos de esteatita ou de argila de boa qualidade que se encontra nessas regiões, ou então foram produzidos pelas mulheres indígenas das aldeias que, no entanto, somente aprenderam essa arte com a população imigrada para esse lugar. Naturalmente todas as tribos chegaram a ter caldeirões de ferro, obtidos à base de troca ou roubos. Na falta destes, usam as cascas de diversas frutas, p. ex. os da sapucaia⁵² que, por si só, sem qualquer trabalho adicional, constituem uma panela com tampa natural e muito sólida, também as cascas de abóboras ou da

51 Devido à praga de insetos, os selvagens evitam permanecer por períodos mais longos nas margens das baixadas dos rios facilmente navegáveis. NO

52 *Lecythis olleria*, castanha-sapucaia.

*Crescentia cujete*⁵³, mas principalmente os nós do bambu *taquarussu* grande, nos quais carregam a água em suas caminhadas pelas matas. Estes têm tanta resistência que a água contida pode ser levada ao ponto de ebulição⁵⁴.

O preparo do fogo geralmente é feito com uma espécie de broca de madeira⁵⁵, usada por muitos selvagens e povos primitivos. Esse instrumento consiste em duas varetas de aproximadamente 60 cm de comprimento feitas da madeira seca do figo parasítico⁵⁶, em que uma delas é girada rapidamente entre as mãos numa cavidade produzida na outra vareta. O Botocudo apoia-se sobre o joelho direito, fixa com o pé esquerdo a vareta que tem a cavidade, coloca a extremidade da outra vareta na cavidade da vareta fixada no chão e começa a friccioná-la entre as mãos, primeiro lentamente e depois cada vez mais rápido, enquanto as mãos se aproximam cada vez mais da extremidade inferior da vareta em rotação. Quando o indígena chega na parte inferior, ele recomeça o processo de rotação da vareta pela parte de cima e repete o procedimento até sair fumaça da cavidade e, finalmente, o material colocado por baixo pegar fogo, o que dura em geral de 30 a 40 segundos. Não posso confirmar os dados do Príncipe de que esse tipo de preparo do fogo seria difícil e demorado. Mas é bem fácil obter êxito no tempo informado se o indivíduo manter as duas varetas o tempo todo em contato, principalmente no momento em que suas mãos vão novamente para cima, caso contrário, todo o esforço terá sido inútil. Naturalmente é mais fácil se duas pessoas se revezarem, mas isso não é imprescindivelmente necessário.

53 O Príncipe menciona ainda a madeira de cecrópia e do gameleiro (*ficus doliaria* mar.) *Ibidem*, II, p. 19. Também conhecida como *calabaça*, coité, cuieira ou árvore da cuia. Seu fruto, depois de lavado e seco, é utilizado como caixa de ressonância em berimbaus (instrumento musical afro-brasileiro) e como recipiente para líquidos, incluindo o chimarrão. NT.

54 Compare a figura no *Atlas* do Príncipe de Wied.

55 *Feuerbohrer*.

56 Cipó matador; *Clusia rosea*, família das gutíferas.

Quando não possuem madeira adequada, também carregam consigo tocos de madeira em brasa. Naturalmente as espingardas com pedras para fazer fogo⁵⁷ e palitos de fósforo são muito cobiçados como artigos de troca ou como presente.

Com cera de abelha natural fabricam tochas extraordinariamente curtas, das quais Tschudi fornece uma figura (*Reise* II, p. 280). Duas amostras por mim trazidas foram entregues ao *Museum für Völkerkunde*⁵⁸.

A indústria se limita à fabricação dos instrumentos mais imprescindíveis, em primeira linha, armas, arcos e flechas. A sua fabricação é assunto exclusivo dos homens. O arco dos Botocudos é feito de madeira pesada da brejaúva ou coqueiro airi (*Astrocaryum airi*), de quatro a seis pés de comprimento e de uma corda feita de fibras de várias plantas, como a cecrópia, xylopia ou diversas espécies de malva ou bambu. A haste dos arcos consiste em extremidades finas de taquara jovem ou de ubá, ou da cana-do-rio (*Gynerium parviflorum*), cujas belas folhas em leque constituem uma das maiores belezas das margens dos rios brasileiros. Para manter a flecha na direção desejada, a extremidade inferior é provida de duas penas de cauda da arara ou de grandes galinhas do mato. Estão em uso três tipos de flechas.

O primeiro tipo de flecha — *wažik kōm* — tem uma farpa de taquara espiralada e longa na ponta e serve para caçar animais grandes ou para uso em guerras. O segundo, *wažik žikpok*, é a flecha de guerra propriamente dita; a sua ponta é feita da madeira de brejaúva e, num dos lados, estão fixadas farpas enfileiradas desencontradas. O terceiro serve para abater pequenos animais, principalmente pássaros e, de certa forma, substitui a espingarda. A ponta dessa flecha tem a forma de molinilho⁵⁹, feita de uma ramagem verde que cheira a queijo

57 Pederneiras.

58 Museu de Etnologia, localizado em Berlin, atual *Staatliche Museen zu Berlin*. NO.

59 Original: *Quirl*. Seu formato é o de “batedor de merengue”, usado na culinária.

verde⁶⁰, a “catinga-de-porco”⁶¹, cujos pequenos galhos que se alargam em forma de raios distendidos para os lados e que, cortados curtos, formam o molinilho. Essas pontas ficam na haste e são fixadas com ligamentos da casca do filodendro.

Ao passo que a maior parte das tribos fabrica essas flechas de modo bem grosseiro e sem qualquer cuidado estético, é relatado que as das hordas inimigas a leste da Serra dos Aimorés são bem mais artísticas. As suas pontas são afiadas com cuidado, a haste artisticamente trabalhada com pequenas penas do colibri, do pavão (*Coracina scutata*) e do tucano, dispostas nas voltas da amarração entre a extremidade anterior e posterior. Nas diversas visitas aos *bugres bravos* no Aldeamento de Mutum, foi adquirido um grande número dessas flechas e, pelo que se sabe, uma parte delas teria sido enviada ao Museu [Nacional] do Rio por ocasião de uma exposição em 1882. Pessoalmente, não consegui ver nenhuma amostra e ninguém soube me dizer onde teriam ido parar. A outra parte parece ter chegado às mãos de um francês. Aparentemente também aqui as tribos que permaneceram mais afastadas das influências europeias conseguiram conservar uma antiga habilidade que as demais acabaram perdendo⁶².

Ao atirar⁶³, o arco é segurado na vertical com a mão esquerda. A flecha é colocada sobre o lado esquerdo do arco e firmada com o indicador da mão esquerda. Enquanto o polegar e o indicador da mão direita firmam a extremidade da flecha enfeitada com as penas, os demais dedos puxam a corda tanto quanto possível para trás, soltando-a a seguir um pouco. Em seguida, a flecha, segurada agora somente pelos primeiros dedos da mão direita, é mais uma vez recuada e então

60 *Grüner Käse*: queijo suíço de cor verde ou queijo *Schabzieger*. NT.

61 Nome científico: *Terminalia brasiliensis*. Nome popular: catinga-de-porco. NT.

62 O Príncipe menciona um arco enfeitado com penas em sua obra **Reise** II, p. 13.

63 Príncipe de Wied, **Reise** II, p. 29.

disparada. A distância de seu alcance é de aproximadamente 100 passos; na metade dessa distância, a sua força e precisão ainda são bem consideráveis. Além de disparos excelentes também pude ver alguns bem ruins, mas deve ser considerado que, em geral, o indígena não gosta de mostrar a sua habilidade ao atirar, visando deixar um inimigo despreocupado e seguro. Por exemplo, não foi possível convencer *Potetú*, conhecido como atirador-mestre, cujo crânio foi trazido por mim para a Europa, a mostrar em público a sua habilidade.

Para desarmar o arco, o indígena o coloca em pé sobre o solo, firma o seu joelho contra a extremidade inferior, dobra essa extremidade com o peso de seu corpo e, com uma mão, puxa a extremidade superior contra seu corpo. Assim, a outra mão pode tirar facilmente o laço da corda. No antebraço esquerdo do atirador são enroladas tiras de fibras para proteção contra a corda que recua com força.

Os produtos artesanais das mulheres consistem principalmente de trabalhos trançados, bolsas e sacos, igualmente feitos das fibras da cecrópia ou de bambu. Como não possuem nenhum tipo de tear, produzem os fios necessários, juntando e torcendo fibras umedecidas com as mãos, ao passo que os fios mais longos são esfregados em movimento de vaivém sobre as coxas. Atualmente as mulheres dos aldeamentos também usam algodão para produzir tais bolsas e as tingem com tiras coloridas do urucum, jenipapo e outros.

Sobre outros utensílios e produtos artesanais dos selvagens não existe muito a relatar. Machados de pedra e aparas afiadas de junco serviam antigamente como ferramentas; as aparas afiadas são usadas ainda hoje para cortar os cabelos. Hoje em dia provavelmente todas as tribos possuem facas, por mais pobres e primitivas que sejam. Mesmo as tribos totalmente inimigas e inacessíveis dos rios Roce e Mucuri conseguiram obter uma boa quantidade de utensílios de ferro e outros à base de ataques e roubos aos colonos e viajantes. Os indígenas de Pan-

cas usavam facas penduradas no pescoço, constituídas unicamente de um pedaço de ferro triangular, ou, no mínimo, uma lâmina quebrada, em que numa das extremidades havia duas plaquinhas de madeira presas com tiras de fibras amarradas.

VIII. Modo de vida

Assim como ocorre com a maioria dos povos caçadores nômades, também no caso dos Botocudos a obtenção dos alimentos pela caça e pesca consome todas as forças físicas, de modo que, além da satisfação das necessidades físicas básicas, não sobra mais tempo para interesses mais elevados. De várias fontes temos a informação de que os povos das zonas mais frias teriam feito maiores progressos culturais pelo fato de que a sua pátria inóspita os forçaria a maiores esforços para obtenção de seu sustento, enquanto que os países da zona quente, com abundância de plantas e animais, alimentariam os seus habitantes praticamente sem esforço, favorecendo a sua indolência e inércia, levando-os a permanecerem em nível de desenvolvimento mais baixo. Contudo isso vale somente para os habitantes dos trópicos que se ocupam com agricultura. Os nômades das florestas se deparam com dificuldades bem maiores para obter seus alimentos do que as nações de locais mais frios da Terra. Na abundância do crescimento de plantas nos trópicos, que dificultam ao homem da floresta dar cada um de seus passos, os animais de caça e as frutas silvestres são bem mais difíceis de obter do que nas matas e estepes da zona temperada ou nas costas dos países árticos, que fervilham de tantos pássaros, peixes, focas, etc⁶⁴.

64 Compare as excelentes observações de Ratzel, *Anthropogeographie*, p.362.

O baixo nível cultural da maioria dos povos primitivos da América do Sul também se deve, entre outros, à total falta de animais domésticos úteis. Mesmo o cachorro parece ter sido conhecido pelos Botocudos somente com a intermediação dos europeus, pois esse animal é denominado por eles pela palavra *nkan*, correspondente ao português *cão*. Sendo amigos dos animais, praticamente todos os indígenas mantêm outros animais domesticados em suas cabanas. Pude ver que eles têm papagaios, macacos-aranha, porcos selvagens, mais precisamente *caietus* (*Dicotyles torquatus*), que as mulheres dos *Näk-erehä* carregavam em seu colo como cachorrinhos de estimação, acariciavam-os e até os colocavam em seu peito. Fatos semelhantes também foram observados em tribos da Austrália e da Melanésia.

Que os Botocudos não se encontram atrás de qualquer tribo caçadora no que se refere à habilidade para obter a sua caça, isso é confirmado por todos os observadores. Desde a juventude aprendem a espreitar e esgueirar-se atrás das presas na densidade de suas florestas aparentemente impenetráveis, atraem os animais pela simulação de suas vozes, trepam nas mais altas árvores à procura de ovos e frutas, matam peixes com a flecha ou envenenando a água, colhem o mel das abelhas silvestres, etc. Apesar disso, como Tschudi já menciona, não podem ser designados de caçadores corajosos. Suas armas são primitivas demais para grandes feras como o jaguar⁶⁵ e, por isso, evitam esse animal enorme o quanto podem.

Uma habilidade que realmente não é muito desenvolvida entre eles é o nado. Em relatórios mais antigos (compare a citação de Varnhagen, **Historia geral**, p.3) são feitos relatos sobre os Aimorés, afirmando que eles seriam inaptos ao nado, ao contrário das tribos Tupis da costa, famosas por sua habilidade nessa arte. Entretanto, outros observadores, p. ex. o Príncipe de Wied, afirmam que seriam exímios

65 Provavelmente ele se confundiu, grafando jaguar em lugar de onça. NO.

nadadores. Essa contradição pode ser facilmente explicada. Só sabem nadar os que vivem nas proximidades de águas relativamente calmas, ao passo que as tribos das montanhas, que descem até os rios apenas ocasionalmente, não têm oportunidade de exercer essa arte. De qualquer maneira, o fato de que ainda hoje a maior parte dos *bugres bravos* não pratica o nado e também a deficiência dos meios de transporte acima citada são assuntos de grande interesse para a etnologia. Isso comprova que, desde tempos imemoráveis, ainda hoje os Botocudos habitam as mesmas regiões.

Para atravessar pequenos rios com forte correnteza, usam cipós longos que pendem das árvores, ou raízes aéreas, nas quais se seguram enfileirados uns após os outros. Um cipó fixado na margem oposta pode continuar a servir de ponte. O Príncipe⁶⁶ relata que eles costumam fixar dois cipós um acima do outro e, assim, podem pisar sobre o cipó inferior e se segurar no superior.

Em suas caçadas nas matas, sempre seguem por determinadas trilhas marcadas por meio de galhos quebrados. Caso se desviarem da trilha quando a posição do sol estiver fora do alcance de sua visão, podem se perder tão facilmente quanto o europeu sem a bússola. O homem branco, para quem normalmente é impossível encontrar e seguir um caminho através de tais sinais pelos quais o olho aguçado do selvagem se orienta facilmente, tende a acreditar que o indígena segue o seu caminho com segurança, sem qualquer marca.

66 Príncipe de Wied, *Ibidem*, II, 37.

IX. Alimentação

Possivelmente não existe nenhum ser vivo que não sirva de alimento para os Botocudos. Sem considerar os grandes mamíferos da mata, tais como o veado, a anta, o quati, a capivara e todos os pássaros possíveis, também não rejeitam as rãs, lagartos e principalmente as cobras. Estas parecem ser uma especiaria para eles. Saint-Hilaire (*Voyage d. l. prov. Rio II*, 168) diz: “*excepté les serpentes les Botocudos mangent toutes les espèces d´animaux*” (exceto as serpentes, os botocudos comem todas espécies de animais). Entretanto, isso está incorreto segundo minhas observações. Dentre as inúmeras larvas de insetos que apreciam, estão os grandes besouros de maio da classe dos *Passalidae* (*Melolontha*), da madeira podre, como também larvas de besouros que surgem em grande quantidade em canos de taquara em determinadas épocas.

Os peixes são capturados com flechas ou mortos por envenenamento da água com o suco da *Paullinia* (cipó timbó). Mas, devido ao contato com a população de colonos, a maior parte das tribos também chegou aos anzóis.

Sobre os meios alimentícios fornecidos pelo reino vegetal, o Príncipe (*Reise II*, p.32) nos forneceu um relatório tão detalhado que não posso acrescentar mais nada de importante.

Quanto aos temperos e especiarias, pouco existe a dizer. Desconhecem o uso do sal, nem os indígenas fixados nas aldeias o usam.

Conforme observado por Saint-Hilaire⁶⁷, usariam como substituto as plantas com teores de sal ou mesmo terra, já que esse tipo de terra aparece com frequência na província de Minas. De qualquer modo, a geofagia é muito praticada por eles. O relatório do Príncipe (*Reise* II, p.32) igualmente comprova que, nas tribos da costa do rio Jequitinhonha que ele havia visitado, o uso do sal já havia sido introduzido, no entanto, aparentemente em prejuízo dos nativos cujo número teria se reduzido devido a isso (?)⁶⁸.

No início não dispunham de bebidas embriagantes, porém aprenderam a apreciar a cachaça de cana-de-açúcar dos colonos; denominam-na de *muniã kroḱ*, isto é, água amarga. Do mesmo modo devem o uso do tabaco apenas ao contato com os europeus. Sua palavra para isso é *kūm*, o “fumo” dos portugueses. Na palavra *kūm* substituíram o som de *f*, que falta na sua língua, por *k*.

Uma planta trepadeira mencionada tanto pelo Príncipe, em *Reise* II, p.33 como por Saint-Hilaire, *Voy. I, Part II*, p.203, teria propriedades narcóticas e seria usada pelos selvagens como um meio excitante. Infelizmente não consegui obter nenhuma amostra.

O preparo dos meios alimentícios é o mais simples que se possa imaginar. Muitos alimentos são ingeridos crus. Nacos de carne são espetados em lascas pontudas de madeira e assados ao fogo ou enrolados em folhas e assados em cinza quente. Também frutas e tubérculos, como bananas, batatas e cará são colocados na cinza. A fervura em água só é conhecida pelos indígenas das aldeias onde já existem panelas adequadas. É interessante que é bem comum levantarem no meio da noite para ingerir algum alimento.

67 St. Hilaire, **Voyage d. I. Rio II**, 268. Também Azara é do mesmo parecer.

68 Interrogação colocada no original. NT.

X. Canibalismo

É indiscutível que os Botocudos são afeitos ao canibalismo, embora os relatos antigos sejam muito extremistas. Na verdade, esse costume bárbaro se restringe ao consumo de carne de inimigos abatidos em lutas, fato testemunhado por muitos viajantes⁶⁹. O caso recente mais conhecido é o ataque acima citado da Colônia de Fransilvânia, no emboque do rio Pancas, cujo proprietário e todos os seus escravos foram mortos e comidos pelos selvagens. Atualmente não existe mais nenhum vestígio de um estabelecimento nesse lugar. Relataram-me que duas costelas, entre as quais havia uma flecha, teriam sido deixadas no local pelos canibais, provavelmente como sinal de vitória. Entretanto, ouvi relatos de um cacique de Pancas ainda vivo, que fora perguntado se havia participado da refeição, ao que ele respondeu: “Não, provei somente o caldo!”

Contudo, apesar de tudo isso, o canibalismo nunca foi cultivado com gosto tão refinado pelos Botocudos quanto por certos povos do sul da Ásia e da Austrália-Polinésia. Provavelmente é Tschudi quem aborda esse tema da forma mais correta quando relata: “Não acredito que matem um inimigo com a finalidade de devorá-lo, apenas devoram um inimigo quando este lhes oferece um alimento propício, já que devoram praticamente tudo o que podem obter” (Tschudi, *Reisen* II, p.280).

69 Compare em especial a descrição do Príncipe de Wied, em *Reise* II, p.50. Saint-Hilaire está pouco inclinado a acreditar em tais relatos, *Voy d. I. Pr. Rio* I, p.439, II, p.63, p.150.

XI. Vida social e familiar

No topo de cada horda se encontra um cacique, cuja influência é bastante limitada. Para esse posto é escolhido o homem mais corajoso e forte da tribo, quando não é ele mesmo quem se promove; no entanto, o seu poder geralmente não vai além da força física. Ele comanda as caçadas e as lutas, harmoniza as brigas, determina locais de pouso. Externamente não se destaca dos demais por algum enfeite ou outra distinção. Os enfeites de penas mencionados pelo Príncipe de Wied já não fazem mais parte de seus costumes e mesmo Saint-Hilaire nada mais sabe sobre eles⁷⁰.

Recentemente houve alguns caciques inteligentes e influentes, que souberam exercer uma influência maior sobre o seu pessoal, estimulando-os a uma atividade cultural regular, tal como *Poeran* citado anteriormente, também *Pokran* citado por Tschudi e, de certo modo, o cacique *Kangike*, do tronco *Nāk-erehā*, ainda vivo no Guandu. De qualquer maneira, o que é informado por Eschwege (*Journal* p.43) sobre um rei de todos os Botocudos com base nos relatos de um negro velho é uma mistificação, como já suposto acertadamente pelo Príncipe de Wied⁷¹.

70 St. Hilaire, **Voy. I**, Part 2, p.149: “À la guerre les capitaines sont distingués par une manière particulière de peindre leur corps; mais d’ailleurs ils ne portent aucune marque de dignité”.

71 Martius, **Ethnog.** 325.

Não há muito a dizer sobre uma “constituição legal” da tribo. Os homens caçam, pescam, preparam suas armas e deixam todo o trabalho restante para as mulheres. Atacam o inimigo pelas costas, mas somente durante o dia, pois evitam andar pelas matas durante a noite por superstição. Por isso, as pessoas se arriscam a viajar pela região somente durante a noite nos locais sujeitos a ataques de tribos inimigas, como por exemplo, entre Urucu e Filadélfia. No que se refere aos alimentos, predomina entre eles um comunismo severo. Os alimentos obtidos são distribuídos a todos os membros da horda, valendo o mesmo para presentes recebidos. Todos devem se dar por satisfeitos, ainda que a parte que lhes cabe seja insignificante. Nada sei sobre o costume de que um caçador não pudesse usufruir de sua própria caça⁷².

A posição das mulheres é muito baixa, como ocorre com a maioria dos povos primitivos. Cabem a elas todas as tarefas que não estão ligadas diretamente com a guerra e a caça e, mesmo em tais empreendimentos, elas precisam carregar os alimentos e as flechas atrás dos homens.

Os casamentos são realizados sem muita cerimônia e facilmente dissolvidos, embora predomine a monogamia. O adultério é castigado com surras, com longos cortes causados por farpas cortantes de madeira. A cópula se realiza em posição horizontal, normalmente nas próprias *Kižém*, sem qualquer consideração em relação à presença dos demais membros da família ou membros da tribo.

As mulheres não passam por partos difíceis. Carregam as crianças pequenas sobre suas costas e não as largam facilmente, nem mesmo durante as danças que podem durar a noite inteira. A criança fica sentada num laço de fibras, firmado em volta da testa da mãe e caindo sobre suas costas. As mãos da criança são atadas em volta do pesco-

72 Pr. de Wied, II, 62.

ço da mãe. Em forte contradição com os cuidados com que as mães tratam esses pobres vermes, está o fato de que são facilmente convencidas a vender as crianças por dinheiro⁷³. É dito que elas chegam a abandonar as crianças na mata em suas andanças quando existe falta de alimentos ou quando a carga fica pesada demais para a mãe.

As crianças pequenas choram pouco. As de mais idade têm um comportamento tímido, porém calmo e discreto, distinguindo-se positivamente das crianças da população negra. De modo geral, os casamentos resultam em poucas crianças, fato que, segundo Tschudi, deve-se em parte ao cruzamento consanguíneo, difícil de evitar entre as pequenas hordas de vida dispersa e muitas vezes briguenta entre si.

Em relação aos velhos indefesos, Martius⁷⁴ diz que “*foi observado um inesperado carinho para com eles*”. Isso contrasta com algumas observações que fiz junto às hordas de Pancas. Um homem idoso, totalmente cego foi visivelmente abandonado pelos companheiros da tribo. Ninguém dentre eles pensou em guiá-lo, deixaram-no simplesmente tatear com ajuda de sua vara pelo matagal e entrar num espinhal ou num atoleiro. Seu corpo estava coberto de sujeira, já que ninguém o levou para a água, embora todos se banhassem diariamente no rio.

Em ocasiões festivas, portanto quando se trata de festejar uma caçada de sucesso, de uma vitória ou de cumprimentar um estranho, toda a tribo se reúne à noite para dançar em volta da fogueira. Homens e mulheres, estas com seus filhos pequenos nas costas, formam um círculo em fileira colorida, em que cada dançarino coloca seus braços em volta da nuca do companheiro ao lado; todo o círculo começa a virar para a direita ou para a esquerda, enquanto todos pisam forte ao mesmo tempo com o pé correspondente ao lado do giro, tirando o ou-

73 St. Hilaire, **Voyage I**, vol. 2, p.145. Hartt, *ibidem*, p.599. Tschudi, **Minas Geraes**, p.119.

74 Martius, **Ethnogr.**, p.322; Príncipe de Wied II, p.40.

tro rapidamente. Logo se aproximam mais e mais uns dos outros com as cabeças baixas para em seguida afrouxar o círculo. Durante toda a dança soa uma cantiga monótona que define o compasso de seus pés. Muitas vezes não se ouve nada além da palavra *kālāni ahá* continuamente repetida, compreendida acertadamente por Hartt⁷⁵; em seguida, ouvem-se canções curtas improvisadas, em que são cantadas as ocorrências do dia, os objetos de sua alegria e outros acontecimentos. Por exemplo, “hoje tivemos uma caça boa”, “matamos esse ou aquele animal”, “agora temos alimento”, “a carne é saborosa”, “cachaça é gostosa”, etc. Saint-Hilaire⁷⁶, Tschudi e Lallemant descrevem alguns desses cantos e eu também escrevi alguns que ouvi junto à tribo dos *Nāk-erehā* no Guandu. Às vezes, um deles começa a canção e os demais respondem, alternando a cantiga. Nunca dançam em semicírculo, como relatado por Saint-Hilaire (*Voy. de la pr. Rio*, parte 2, p 172).

Estranhamente o Príncipe de Wied fala apenas das cantigas, porém nada sobre a dança da ciranda porque seu servo, o Botocudo *Quäck*, havia lhe assegurado nunca ter participado dessas festas dançantes⁷⁷. Entretanto, eles nunca cantam sem dançar e vice-versa e até denominam as duas coisas com uma só palavra. Algumas vezes observei movimentos obscenos, tais como os que aparecem nas danças da maioria dos selvagens, porém somente nos participantes do sexo masculino. Os únicos instrumentos musicais dos Botocudos são flautas de taquara que não cheguei a ver, bem como uma espécie de tubo de sopro, feito da pele do rabo de tatu gigante (*Dasypus gigas*), retratado pelo Príncipe de Wied em seu *Atlas*. Existe um exemplar no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

75 Hartt, I, p.601.

76 St. Hilaire, **Voy, d. I. prov. Rio II**, p.166.

77 Príncipe de Wied, **Reise II**, p. 42.

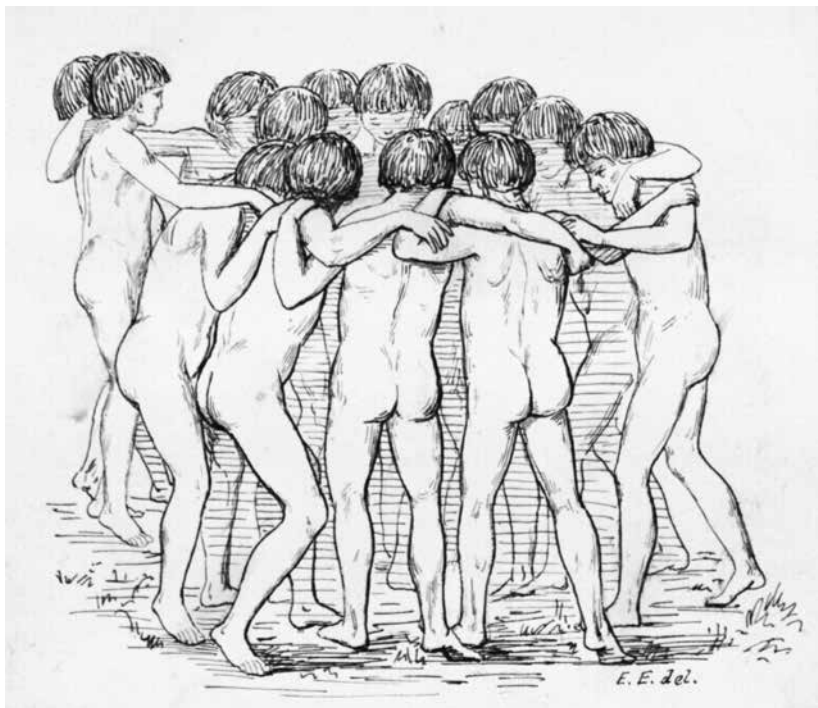


FIGURA 8. DANÇA DOS *ÑEP-ÑEP* (PANCAS)

Sobre jogos de ginástica, o príncipe menciona um exemplo de jogo com bola. Na frente da cabana dos índios de Pancas havia um apetrecho de ginástica, constituído de um balanço feito com um cipó pendente.

XII. Sepultamento

Quando um Botocudo morre, simplesmente enterram o corpo nas proximidades do local do acampamento, em decúbito dorsal e com os braços cruzados, sem colocarem nada junto a ele. A seguir, socam a terra firmemente para impedir que a alma saia e vagueie pelas redondezas como *ntšõ* (espírito). Para finalizar, acendem uma fogueira sobre o local do sepultamento.

Exceto isso, não existe muito a dizer sobre um culto aos mortos, basta dizer que eles mesmos retiram o cadáver da sepultura se um antropólogo colecionador de crânios lhes oferecer um bom pagamento⁷⁸. De qualquer modo, pelo menos os parentes lamentam pelo falecido por algum tempo. Hartt (*Ibidem*, p.600) menciona o costume de colocarem uma vasilha com leite materno e alguns ossos de animais junto ao túmulo de uma criança. O quanto essa informação está correta, não posso afirmar, no entanto costumes semelhantes também são encontrados em muitos outros povos selvagens.

78 St. Hilaire, parte I, 2, p.162.

XIII. Ideias religiosas

Sob *ntsō*⁷⁹, os Botocudos não entendem um princípio do mal de acordo com nosso entendimento, ou seja, “diabo”, apenas almas de falecidos que vagueiam por aí à noite e que podem fazer tudo o que é de ruim para as pessoas. Esse animismo primário é o único indício de uma religião que foi observado entre eles, se quisermos denominá-lo assim⁸⁰. De qualquer modo, falta-lhes um conceito sobre Deus, para o qual não existe uma palavra na sua língua. A palavra *tupan*, encontrada em alguns vocabulários, é a conhecida palavra tupi-guarani divulgada pelos missionários em praticamente todo o continente sul-americano. Mas os Botocudos não entendem “Deus” com essa palavra, imaginam que se trata do próprio sacerdote cristão!

Saint-Hilaire⁸¹ afirma que conferem uma certa honra ao sol; o Príncipe, entretanto, afirma que seja à lua. Não consegui obter nada sobre isso que confirmasse essas suposições. O fato de o nome *taru* (usado tanto para sol como para lua) ser associado a fenômenos celestes com tantas denominações, como trovão, igual a *taru te kuwō*; relâmpago, que equivale a *taru te meräp*; vento, descrito como *taru te kuhū*; noite, igual a *taru te tu*, não são comprovações de um culto a es-

79 O Príncipe escreve Janchon. **Reise** II, p. 58.

80 Tylor, **Anf. D. Kultur** I, p.418.

81 Aug. St. Hilaire, **Voy. De La PR. Rio** II, p 23.

ses corpos celestes, como é do parecer do Príncipe⁸². Na verdade, *taru* não significa lua, nem sol, porém primeiramente apenas a claridade da abóbada celeste, o céu iluminado pelo sol, pelos relâmpagos ou pela lua, ou simplesmente “clima ou tempo”, portanto, noite equivale a algo como “tempo de fome”, *taru te tu*.

O parecer de uma pessoa de confiança de Saint-Hilaire⁸³, de que eles veneram principalmente a lua porque ela os acompanha em seus empreendimentos noturnos, não está correta, uma vez que evitam andar durante a noite. Aparentemente, apenas Renault⁸⁴ fez uma observação que indica a existência de um conceito grosseiro de Deus. Num temporal, as flechas teriam sido jogadas para o ar com o seguinte brado: “*O grande cacique está bravo*”. Também Saint-Hilaire relata algo semelhante sobre as tribos que habitam o *Pessanha*, porém ele acredita que derivaram essa visão dos malaios, já que também denominavam Deus pelo nome *tupan*.

Os indígenas *aldeiados* e *batizados* simplesmente imitam todos os costumes do culto cristão, sem entenderem nada sobre o significado. Um desses *cristãos* quando perguntado por mim sobre a sua crença, respondeu apenas: “Não tememos a Deus, nem ao Diabo”.

82 Príncipe de Wied, **Reise** II, p.59.

83 St. Hilaire, parte I, 2, p.155.

84 Renault, **Castelanu Voy**. V, p.259.

XIV. Doenças e meios de cura

De modo geral, as tribos selvagens não estão sujeitas a muitas doenças endêmicas, porém são dizimadas da pior maneira por afecções agudas vindas de fora, como a varíola. As doenças mais propagadas são a malária, catarros respiratórios, doenças oculares. Têm tão pouca resistência a febres intermitentes quanto os europeus e, por isso, evitam uma permanência mais prolongada nas baixadas que favorecem o acometimento de febres. As bronquites não são raras em crianças devido à constante variação de temperatura e à falta de cobertura dos abrigos. Como admitido com razão pelo Príncipe⁸⁵, a frequência das afecções oculares deve ser atribuída às agressões causadas pela densidade do emaranhado de plantas às quais o caçador está sujeito durante a perseguição de sua caça.

Nas tribos *aldeiadas*, principalmente nas que habitam as proximidades de localidades povoadas, as doenças venéreas são muito graves. Também o alcoolismo aparece muito em regiões onde não é difícil ao indígena adquirir cachaça. Entretanto, o seu conhecimento acerca de várias plantas medicinais das matas é mais limitado do que o Príncipe⁸⁶ relata. O seu próprio servo *Quäck* informa que seus patrícios não conhecem nenhum meio de combate à mordida de cobras, como

85 Príncipe de Wied, *Reise* II, p.56

86 *Ibidem* II, p.53.

havia sido afirmado. Apesar disso, estão em uso entre eles diversas plantas com princípios ativos. Por exemplo, a ipecacuanha é muito usada, fato contestado sem razão por Rey. Além dela, usam ainda diversos purgantes, como a boleira, ou indaguaçu (*Joannesia princeps*), e sudoríficas como jaborandi, etc. Num indivíduo de Mutum, cheguei a ver um cancro mole (*Ulcus mole*) de grande tamanho que curou após poucos dias de aplicação de uma planta, que infelizmente não me foi apresentada. É muito difícil de conseguir alguma coisa deles nesse sentido. Métodos de cura importantes são banhos frios e diaforese provocada pelo vapor d'água formado sobre águas quentes⁸⁷.

Quanto a intervenções cirúrgicas, a mais importante é a sangria, realizada na veia da testa com auxílio de uma pequena lasca de madeira afiada ou com um pequeno arco com flecha, como também é usado comumente na América do Sul. Também sabem como curar fraturas. Um dos esqueletos do museu anatômico daqui apresenta uma fratura de ombro muito bem sarada.

De acordo com o relatório do Príncipe⁸⁸, eles produzem erupções externas na pele mediante chicoteamento com uma espécie de urtiga, mas sobre isso não consegui obter mais informações.

87 Martius *Ethn.*, p.326. Eschwege, *Journal I*, p.106. NT: transpiração excessiva.

88 Príncipe de Wied, *Reise II*, p.54.

XV. Aptidões intelectuais e caráter

O fato de os Botocudos se encontrarem num nível de formação intelectual muito, mas muito baixo, resulta das circunstâncias até agora descritas e torna-se ainda mais evidente se considerarmos a excessiva pobreza e insuficiência de sua língua. Mesmo assim, devemos nos precaver e não menosprezar as suas aptidões intelectuais, fato que ocorre muito facilmente a um viajante durante a sua curta passagem. Se outros povos primitivos brutos, tais como os aborígenes e australianos comprovaram serem bem mais inteligentes do que se admitia, considerando as demais condições culturais, podemos esperar algo de semelhante também dessas tribos. Deve ser mencionado que foram constatados suficientes casos em que os Botocudos adquiriram uma formação considerável sob instrução europeia. Contudo não faltam exemplos em que tais indivíduos abandonaram novamente a civilização por sentirem falta de sua vida livre nas matas distantes, retornando aos irmãos selvagens de sua tribo.

O caso mais conhecido foi relatado por Tschudi⁸⁹. Eu mesmo vi uma menina entre a horda de *Cangike*, no Guandu, que fora criada numa plantação vizinha desde criança e, estando aparentemente civi-

89 Tschudi, **Reise** II, p.268.

lizada, fugiu de volta aos companheiros de sua tribo, cuja língua nem mais compreendia. Não pode ser negado que possuem bom humor, grande capacidade de compreensão e imitação, tendo até mesmo um dom de fala, semelhante aos peles-vermelhas da América do Norte. A seguir, será dado um exemplo bem interessante de sua retórica, extraído de parte de uma fala dita aos inimigos por um dos *bugres bravos* e hostis depois da última luta em Mutum. Infelizmente, não consegui obter o texto original dessa fala, mas a reproduzo com base nas informações do Sr. Moussier e outras pessoas presentes na ocasião. Depois que os selvagens haviam perdido várias pessoas e se retirado para a mata, subitamente um deles apareceu novamente e gritou com voz altissonante para os brancos e os *bugres mansos*:

Esta terra é nossa, vocês não têm o direito de penetrar aqui, éramos amigos, mesmo assim, vocês nos trataram como inimigos. Vocês mataram muitos dos meus irmãos. Vamos nos vingar. Se vocês entrarem na nossa mata, vamos atacar. Que as árvores tombem sobre vós e vos matem. Que as cobras vos mordam, as onças vos devorem e que todas as terras perto do rio se tornem frias⁹⁰.

A última parte lembra muito a maneira de expressão metafórica dos selvagens da América do Norte.

Normalmente esse tipo de atividade mental é muito raro entre eles. A vida instável nas matas não permite aos Botocudos um desenvolvimento intelectual maior. Seu primeiro desejo é a satisfação de suas necessidades físicas, a única mola propulsora de suas atividades. O selvagem não pensa no futuro, nem se preocupa com o passado: não existem tradições nem lendas que indiquem algo sobre seus ancestrais. Também não existe nenhum cálculo do tempo, nem

90 Apud relato do Sr. Moussier.

a sua idade o indígena não consegue informar. Praticamente não se pode comprovar neles sequer um vago pressentimento de um poder superior, caso não quisermos ver esse indício naquele temor indefinido dos fantasmas noturnos ou dos poderosos fenômenos da natureza que ocorrem no céu.

Totalmente sob domínio de suas paixões, os selvagens são instáveis como uma criança, inconstantes e de humor variado. Segundo o Príncipe,

sem se orientarem por princípios básicos, sem serem mantidos nas regras da ordem social através de leis, esses selvagens brutos seguem os seus instintos e seus sentidos do mesmo modo como a onça nas matas.⁹¹

Um tratamento cordial e bem intencionado pode conquistar a confiança deles, mas tanto mais é de se temer a sua vingança caso se sintam ofendidos. A tendência ao roubo é compartilhada com a maioria dos povos primitivos, porém o que mais os atrai são os alimentos, muito mais do que utensílios ou ferramentas, visto que a sua necessidade de alimentação supera muito todos os outros interesses. Porém, não devemos derivar as propriedades do caráter dos selvagens, que tantas vezes se revela na falta de sentimentos no tratamento para com os seus familiares mais próximos, ou na falta de piedade em relação aos falecidos e cuidados a doentes e idosos, da depravação moral. No sentido moral, os Botocudos certamente se situam num nível bem mais alto em comparação a povos do Mar do Sul, de cultura bem mais avançada. Nos povos primitivos da América do Sul situados em tão baixo nível de desenvolvimento não se constata nem mesmo indícios do costume refinado, formalmente legalizado do assassinato de crian-

91 Príncipe de Wied, **Reise** II, p. 15.

ças em Taiti, do canibalismo e do parricídio obrigatório em *Viti*, cujas atrocidades devem ser consideradas indubitavelmente como resultado da depravação moral de uma semicultura totalmente degenerada e em decadência. Na verdade, a sua cultura ainda é primitiva demais para já poder mostrar uma decadência.

Não é degeneração moral que os impele a atos que ferem os nossos sentimentos humanos, mas indolência, indiferença a tudo que não serve aos seus proveitos momentâneos. O Botocudo vende seu filho porque precisa com urgência de um machado ou de um caldeirão oferecido a ele, e também não devora o seu inimigo abatido por vingança, ódio ou superstição, como é o caso dos polinésios, porém simplesmente porque come tudo o que for comestível.

O caráter dos selvagens é puramente negativo. Eles não apresentam pendores, nem virtudes, não mostram decadência moral, mas também não apresentam estímulos para se aperfeiçoarem. É assim que vivem sua existência, impulsionados somente pelos instintos animais de subsistência e de propagação de sua espécie, despreocupados com o passado ou o futuro.

Não existem grandes pendores decadentes ou costumes bárbaros a serem extintos. Quem pretende lutar por um trabalho cultural sério deve considerar como o maior inimigo a indiferença quase absoluta em relação a todos os interesses que não forem puramente materiais. Para conseguir algum resultado, seria imprescindível protegê-los contra a fome e a falta das necessidades básicas, não através do fornecimento de alimentos e presentes sem contrapartida, mas oportunizando-lhes trabalho, habilitando-os a uma atividade permanente e regular.

Por esse caminho, o anseio para aquisições, a preocupação com o futuro, a formação de uma vida intelectual não demorariam a se manifestar. Mas já vimos quão falho é o sistema de catequese e quão fraca a perspectiva de mudança nesse sentido num tempo previsível. Pelo

simples fato de batizar um indígena como foi feito até agora, ou seja, borrifando-o com água sob algumas formalidades incompreensíveis para ele, ou deixando-o viver recebendo poucos alimentos e ferramentas e consumindo logo tudo o que ganha, sem se preocupar realmente com ele quanto às demais coisas, será muito difícil torná-lo um elemento útil na sociedade humana. Portanto, nas condições atuais, o desaparecimento das hordas aldeadas e das hordas nômades é apenas uma questão de tempo.

XVI. Língua

Devermos as primeiras descrições sobre a língua dos Botocudos ao Príncipe de Wied, cujo material gramático foi trabalhado por Götting⁹². Desde então, foram acrescentadas somente algumas palavras; também Hartt ainda fornece algumas notícias (*Ibidem*, p.603). As complementações que tentei fazer com base em resultados de pesquisas próprias não pretendem ser completas. Para isso, seria necessária uma permanência bem mais demorada junto a essas pessoas. Por isso, o que é dado a seguir deve fornecer pelo menos um quadro sobre o baixo nível de formação desse idioma. As palavras foram escritas do modo como as compreendi, usando o alfabeto linguístico de uso geral.

92 Karl Wilhelm Götting (1793-1869), filólogo alemão. Autor de **Opuscula academica** (Leipzig 1869). NO.

XVII. Alfabeto

Vogais simples: *ā* *ä* (e) ao (o) *o* abafado e aberto, às vezes quase como *au*

e	ö,	ō	o
i	ü,	ū	u

Vogais nasais: *ā*, *ê*, *ĩ*, *ō*, *ũ*, *aō*.

Qualquer vogal pode ser longa ou curta. O acento se situa sempre na última sílaba. Os encontros vocálicos como *ui*, *iu*, *ue* devem ser falados sempre separadamente.

Consoantes

		<i>h</i>						
<i>χ</i>	<i>k</i> (<i>k̆</i>)	<i>g</i>					<i>r</i>	<i>n</i>
<i>tʃ</i>			<i>ǵ</i>	<i>ʒ</i>	<i>ʒ</i>	<i>y</i>	<i>ʃ</i>	<i>ñ</i>
	<i>t</i>	<i>d</i>						<i>ñ</i>
	<i>p</i>	<i>b</i>			<i>v</i>	<i>w</i>		<i>ŋ</i>

Faltam completamente: *f*, *s*, *z*, puro *l*. Raramente aparece *v*, *g*, mais raramente ainda *d*, que só aparece uma vez no vocabulário (em *kodŋ*⁹³ *trulla*).

k é quase sempre velado.

w igual ao inglês *w*

r fonema peculiar entre *r* e *l*.

n *n* dental, muitas vezes no início de uma palavra antes de uma consoante, mas também no final, às vezes com um som continuado. Parece ser um tipo de prefixo ou sufixo.

Ḳ fonema inicial⁹⁴ ou terminal com som ininteligível de *k*; *korok* soa como *korok*.

ñ *n* palatal, aproxima-se da liga fonética *ny* (*nj*), nitidamente entoada e alongada.

h é ouvido sempre como nitidamente aspirado, também no final de uma sílaba. Quando os viajantes de antigamente, como por exemplo, o Príncipe, sabem relatar tantas coisas sobre a dicção nasalada e grunhida dos selvagens, descrevendo a dificuldade de fixar os sons, isso deve ser atribuído aos enfeites nos lábios, costume ainda usado na época e que torna praticamente impossível uma entonação dos sons labiais⁹⁵. Entretanto, agora que a “cirurgia” de furação, desfiguradora dos lábios, está caindo cada vez mais em desuso, pode-se dizer que, na maior parte dos indivíduos, a dicção é relativamente nítida e pura.

93 Na falta da letra *n* com ponto embaixo (v. tabela), será usado nesta tradução a letra *n*. NT.

94 No original: *vorgeschlagener* Laut. NT.

95 Segundo Dr. K. v. d. Steinen (Durch Centralbrasilien, p. 357), também os Suyu no Alto Xingu falam, ao invés de *p* sempre *φ* ou *h*, devido aos discos em seus lábios.

O alongamento peculiar das sílabas finais quando o indivíduo se encontra em estado afetado ou quando pretende apresentar um objeto ou um ato como grandioso e importante confere à fala uma tonalidade quase cantante⁹⁶.

Quando Martius⁹⁷ afirma que os cinco vocabulários disponíveis comprovam, com inúmeros desvios, a instabilidade e a volubilidade com que uma mesma palavra é pronunciada por indivíduos diferentes, desviada e alterada dependendo do humor e das circunstâncias, e quando Renault salienta a leviandade com a qual os selvagens encontram novas palavras para um objeto qualquer, notadamente as mulheres⁹⁸, mesmo assim é necessário nos precavermos para não deduzir disso uma rápida alteração da língua com base numa fala individual, ou em novas palavras formadas e semelhantes. Se realmente ocorresse uma continuidade de formação de novas palavras e, simultaneamente, uma fragmentação continuada, como aparentemente admitido por Martius, então a língua atual não estaria mais naquele grau de conformidade com a língua que foi descrita nos vocabulários antigos datados de 40 a 60 anos atrás, como é o caso. Na coleção de palavras em que encontramos desvios em relação ao idioma atual, eles podem ser explicados em sua maioria por mal-entendidos dos observadores ou indígenas que se deixaram examinar⁹⁹.

Em concordância está o fato de que os dialetos das diferentes tribos não apresentam grande diversidade entre si. Em seus pontos principais, o vocabulário do Príncipe de Wied, registrado em 1817 no

96 Martius *Ethn.*, p.330. St. Hilaire, *Voy. de la Pr. Rio* II, p.164.

97 *Ibidem*.

98 Tschudi se manifesta da mesma maneira em *Reisen* II, p.287: "Trata-se de um fenômeno muito notável o quão rapidamente se formam dialetos com um vocabulário desviado, bem peculiar entre os povos primitivos, quando famílias isoladas se afastam da tribo-tronco e pela continuidade de uma vida mais ou menos isolada".

99 Disso resulta que a afirmação de Keane está equivocada em sua palestra: "*Amongst the Botocudos themselves a great diversity of speech prevails, a circumstance which helps to explain the serious discrepancies sometimes observed in the few short vocabularies*".

Jequitinhonha, ainda foi de utilidade em 1884 para o contato com as tribos do Rio Doce. Mais difícil foi o uso dos glossários nº 2 e nº 4 escritos na ortografia francesa (Martius Glossar, 177p). Nesses, os fonemas originais às vezes estão desfigurados de modo irreconhecível.

A gesticulação ocupa um papel muito importante nos Botucudos, assim como na maioria dos povos primitivos. Ela serve principalmente para expressar os conceitos numéricos. São muito frequentes as figuras de linguagem. Elas servem para designar, em primeiro lugar, atos ou objetos, imitando seus ruídos característicos, como por exemplo, *uhum*, tossir; *wah*, chiar, assobiar; *hü*, soprar; *terorö*, tiritar de frio; *žigía*, a água fervendo (calor de febre); *pū*, espingarda; mas também nomes bem específicos de animais, por exemplo, aqueles que os selvagens aprenderam a conhecer somente com os europeus: *hatārat*, arara; *äehä*, crocodilo; *mäh-mäh*, ovelha; *ä-ä*, coelho etc.

Frequentes também são as palavras dobradas para expressar o reforço ou a repetição de um ato ou um estado: *ao*, falar; *aō-aō*, falar alto, cantar; *maō*, doente, *maō-maō*, muito doente; *nāhā*, pular, *nāhā-nāhā*, pular alto, empinar-se, revoltar-se.

Muitas palavras se encontram do mesmo modo em tribos de língua semelhante, sem que se possa saber com certeza para cada caso de qual delas foi derivada, p. ex. *munia*, água, igual a *munianá* (Puri); *ketom*, olho, igual a *kedó* (Camacan, Malali).

Derivam do guarani ou da língua geral palavras como *karai*, homem branco; *tupan*, Deus, etc. Tomadas diretamente do português são *ñkā*, cão; *kūm*, fumo, tabaco (originalmente não o conheciam); *compra*, compra, mas para isso é usado normalmente *prām*, querer.

O sujeito tem apenas um gênero, porém os pronomes *tokonim*, *kum*, *pā* (este, esta) indicam que já foi feito um início para diferenciação do sexo na gramática.

O plural é formado acrescentando-se *uruhu*, muitos, ou *ñanhuitñ*¹⁰⁰, muito; *pantō*, todos; *nañkrūn*, todas as pessoas (todo o grupo, toda a sociedade). Hartt também cita uma palavra dual, caracterizada pelo sufixo *chovo*, por exemplo, *ñõnhõn*, a orelha; *ñõnhõn chovo*, as duas orelhas. *Chovo*, cujo significado Hartt¹⁰¹ não conseguiu determinar, não é nada mais do que a preposição *ñtšo*: com, junto, um par. Sendo assim, não se pode falar de uma forma dual real.

Pela agregação de tais palavras que designam multiplicidade, também podem ser formados conceitos coletivos de palavras simples: *Kižēm*, que é igual a casa e *Kižēm uruhū*, que equivale a muitas casas ou a aldeia, cidade; *tšōn*, madeira, *tšōn uruhū*, muita madeira ou mata; *pū uruhū*, espingarda com vários canos. Não existe declinação. Göttling¹⁰² pretende ver traços de uma espécie de formação do caso, ou seja, a diferenciação entre um caso objetivo e um subjetivo no frequente aparecimento do vocábulo *te* entre dois substantivos. *Tāru te tū*, tempo de fome, noite; *taru te kuhu*, tempo de bramar (ou quando está bramando; o vento, as ondas bramam); *Tāru te křĩ*, tempo de relampejar. Mas o uso dessas partículas não é regular e muitas vezes ela é omitida.

Os conceitos de adjetivos vêm sempre depois do substantivo. O seu aumentativo também ocorre através de *uruhū*, muito, ou *ñanhwit*.

Os diminutivos são indicados pelo acréscimo de *ñĩ*, por exemplo, *kuruk* é criança, *kuruk-ñĩ* é criancinha.

Embora as partículas da fala sejam pouco diferenciadas entre si, ainda assim já encontramos pronomes e preposições diferenciadas.

100 Original bastante ilegível.

101 Hartt, *Ibidem*, p. 604.

102 Príncipe Wied II, p.315.

- Pronomes pessoais: *ńik*, que é igual a eu; antšuk é igual a tu, vós; *oti* significa ele.

Nós e *eles*, se necessário, são simplesmente designados por *pantō*, que equivale a todos.

- Como possessivos, foi possível comprovar: *mińuk* é igual a meu; *huk* a seu e, provavelmente, também *nenuk* equivale a nosso, que aparece no nome *Nāk-nuk*.
- Demonstrativos:
tokonim is,
kum ea,
pā id.
- Negativo: *mām*, que significa ninguém, nunca.
- Interrogativo: *ńkom* é igual a quem, o quê?
- Indefinido: *konim* equivale a algo.

Como preposições, puderam ser constatadas até o momento¹⁰³:

- *nqhrě*¹⁰⁴ e *nāhrě mū*, que designam proximidade direta no sentido de junto a, diante, atrás de, acompanhar.
- *ntšo*: com, junto com.
- *tsèk*: dentro (na verdade mais no sentido de perfurar, penetrar), *pompö*, no meio de (o centro, o coração).

As duas últimas palavras permitem a hipótese de que as preposições sejam na verdade conceitos substantivados ou verbos.

¹⁰³ As preposições *pok* (supra) e *ozök* (infra) relacionadas no vocabulário ainda não foram constatadas.

¹⁰⁴ Em *nqhrě* lêa-se o a com ponto embaixo. NT.

Como advérbios de lugar são usados:

- *Erē*: é igual a aqui,
- *erē nī*: equivale a para cá (“venha para cá”),
- *krē, krēk*: significa onde? Ali;
- *ṇkrē, ṇkrēk*: é para onde, possivelmente surgido de *nī-krē*.

O verbo não se diferencia do substantivo em sua forma. É usado somente no infinitivo ou particípio passado, porém não apresenta nem flexão, nem formação de tempo. A conjugação ocorre simplesmente por anteposição do pronome pessoal. Para designar o tempo, é usada às vezes a palavra *temprān*, que significa amanhã.

Deve ser considerada uma espécie de pronome impessoal *hā*, igual a ele/ela, e a forma neutra; *hā ṇerū* significa “ele está doente”; *hā ṇgot-ṇgot* “dói”; *hā-mot* “está cheio” e possivelmente também *hā-reha*, que equivale a “é bom”.

É improvável que esse *hā* signifique o mesmo que as partículas afirmativas *hā-hā*, como admitido por Göttling¹⁰⁵. A última palavra nem chega a ser um fonema articulado, mas apenas uma dupla inspiração bem breve, como também usado por nós muitas vezes na conversa informal para confirmar alguma coisa. Desconheço a forma dada por Göttling, *het* em vez de *hā*. Também não foi possível constatar se aparece uma terminação verbal *ōt* ou um *n* como um símbolo para o infinitivo, como Göttling pretende. Comparar com Príncipe de Wied, *Reise* II, p.317. As partículas de negação são *ṇuk*, “não” e *amṇuk*, igual a “nada”.

105 Príncipe de Wied, *Reise* II, p.317.

A exemplo de como os Botocudos conseguem formular conceitos complexos com um vocabulário tão parco, sejam dadas as seguintes informações:

Ilha:	<i>nāk muniā pompō nep</i>	→ terra água meio aqui está
Jejum:	<i>atšim nūk kuā</i>	→ alimento não barriga
Intestino:	<i>kuā ōron</i>	→ barriga longa
Narina:	<i>kiġin māh kāt</i>	→ nariz abertura pele
Cílios:	ketom <i>māh kāt</i>	→ olho buraco pele
Afastar-se, virar as costas:	<i>mū katiñak</i>	→ ir costas
Estar triste:	<i>pompō takrek</i>	→ coração/centro/meio insatisfeito
Galho de árvore:	<i>tšōn māk</i>	→ árvore osso
Escavar:	<i>nāk māh tšek</i>	→ terra buraco
		furar/escavar/dentro

Também é interessante a designação dos animais recém-conhecidos:

Cavalo:	<i>kran žün</i>	→ cabeça dentes
Vaca:	<i>bokrĩ žapü =</i> <i>pō kekrĩ žapü</i>	→ pé fendido mãe
Touro:	<i>pō kekrĩ pakižu</i>	→ pé fendido grande
Ovelha:	<i>pō kekrĩ kuġi</i>	→ pé fendido pequeno

Assim, todos os animais de casco fendido são denominados *pō kekrĩ* ou *bokrĩ* e são diferenciados entre si somente pelo epíteto grande, pequeno etc.

Sobre a denominação dos dedos, veja o vocabulário.

Os estudos mais recentes sobre o sentido da cor e o desenvolvimento histórico do gênero humano mostraram, com base em comparações linguísticas, que as lacunas nas denominações que se supunha existir antigamente não existem nos povos primitivos e que, na verdade, é incoerente deduzir uma deficiência de percepção das cores a partir da insuficiência de denominação para elas. Esse fato deve ser considerado muito mais como consequência de uma nomenclatura in-

completa para as cores, paralela a um sentido totalmente desenvolvido para a sua percepção. Sabemos atualmente que nos povos primitivos se faz notar apenas uma energia aumentada na percepção de cores de ondas longas em comparação a cores de ondas curtas. A quantidade de luz é captada antes da qualidade. Assim, as cores de maior intensidade luminosa são denominadas antes e com mais precisão do que as de menor intensidade luminosa. Por exemplo, a cor que tem a maior intensidade luminosa, o vermelho, é a que chama primeiro a atenção da criança. É conhecido o papel importante da cor vermelha para a maioria dos homens primitivos. Os selvagens denominam essa cor com a mesma precisão que os povos aculturados, pois todas as suas tonalidades, tanto as de alta como as de baixa intensidade luminosa são agrupadas numa mesma palavra.

Além de vermelho, no começo é feita uma diferenciação apenas para o conceito *claro* ou *escuro* na fala. As demais cores são designadas pelo nome especial somente mais tarde, de acordo com as necessidades práticas da vida diária¹⁰⁶. Mais precisamente, a nomenclatura aumenta na mesma proporção do aperfeiçoamento da arte do tingimento, depois do florescimento da indústria têxtil, a importação de mercadorias e produtos do estrangeiro, etc.

Quanto ao fato de que no nível de desenvolvimento mais baixo a denominação das cores, com exceção do vermelho, orienta-se apenas pelo *claro* e o *escuro*, os estudos de Almquist¹⁰⁷ junto aos Chukchis¹⁰⁸ mostraram que esse povo só possui três denominações: *snidlikin*, ou branco e claro, para a maior parte das cores de intensidade luminosa forte, sem vermelho; *nukin*, igual a preto, escuro, para cores de intensi-

106 Por exemplo, determinados povos sul-africanos, aos quais faltam as denominações para as cores mais comuns, possuem uma grande quantidade de nomes para todas as nuances possíveis para o seu gado.

107 *Breslauer ärztliche Zeitschrift* 1880, p. 169, ff.

108 *Luoravetlanen* ou *Chukchis*, povos indígenas que habitam o nordeste da Sibéria.

dade luminosa fraca sem vermelho e *tschelgu* para tudo o que contém vermelho.

Exatamente o mesmo método de denominação das cores é encontrado junto aos Botocudos. A única cor designada com precisão é o *vermelho*: *pru kukú*; as demais cores são *ńěrũ*, igual a claro, ou *χēm* *escuro*, sendo que *ńěrũ* designa ao mesmo tempo branco-amarelado, azul-claro, cinza-claro, e *χēm*, preto, azul-escuro, verde-escuro.

Não está claro se no vocabulário I de Martius a palavra *ńiom* realmente é *branco*, pois repetidas vezes ela foi traduzida por *novo*, mas é possível que *novo* seja apenas um significado derivado. É possível que *ńiom* signifique *cinza* indefinido, por isso, *taru ńiom* é céu cinzento ou neblina. Pertencem à nomenclatura das cores propriamente ditas apenas as três citadas: *pru kukú*, *ńěrũ* e *χēm*, respectivamente vermelho, cor clara, cor escura. Mesmo assim, os nativos diferenciam muito bem as cores puras como azul, verde, amarelo e branco, como pode ser facilmente comprovado com aqueles que aprenderam a língua portuguesa. Porém, são muito inseguros com as cores compostas. Um dos homens de Mutum, quando lhe apresentaram fios de lã cinza-esverdeados: “isso não tem nome, não presta e é feio”. Parece que, de fato, o indígena só denomina as cores que lhe agradam ou que tenham importância prática para ele. Decisivamente o *vermelho* é a cor predileta dos Botocudos, até porque o corante oferecido pela planta *Bixa orellana* aparece em grande quantidade e é fácil de conseguir. A palavra *χēm* designa provavelmente o corante preto-azulado do jenipapo, que parece ser usado somente para tingimentos naturais; tudo o que for amarelo ou pálido é denominado *ńěrũ* e, nesse sentido também a cor da pessoa doente, *kwä ńěrũ* (literalmente *barri-ga amarela*), é uma expressão comum para expressar estados de doenças crônicas, por exemplo, caquexia malárica; *hã ńěrũ* quer dizer, “existe doença”, “ele está doente” e outras expressões semelhantes.

Os indígenas aldeados que conhecem o uso de dinheiro são obrigados a diferenciar o papel-moeda simplesmente pela sua cor, devido a sua deficiência na arte de contar. Uma nota de 500 réis é *pru kuku* (vermelho), ao passo que uma nota verde de um mil réis e uma azul de dois mil réis são ambas *χēm* ou escuras. Não fazem diferença entre as duas, mas também não necessitam muito disso, visto que dificilmente se vêem na situação de receber ou gastar notas de dois mil réis. Em contrapartida, sabem muito bem que para terem um *χēm* precisam receber duas notas *prukuku*. As moedas de pequeno valor (cobre e níquel) são denominadas *patak* (do português pataca, que equivale a 320 réis), ou talvez porque se origine da onomatopeia poética de tilintar, *rī-rī*.

A arte da contagem dos Botocudos é tão subdesenvolvida quanto possível. Como a maior parte dos selvagens, seu sistema de contagem se orienta pelos dedos, porém somente para 1 e 2, ou seja, *pōgik*, um dedo (também usado para designar *sozinho*) e *kṛī-pō*, dois dedos. A palavra *mōkenam* para *um*, encontrada no vocabulário de Martius (cf. Príncipe de Wied), parece ser um mal-entendido. Na verdade ela significa “piolho capilar”! O que vai além de 2 é *uruhu*, igual a muito. Quando se trata de números redondos até 10, são usados os dedos para a contagem. Para dizer “Viajo cinco dias”, um homem repetiu cinco vezes a palavra *temprān*, ou seja amanhã, levantando os dedos um a um¹⁰⁹.

O subdelegado de Guandu, o Sr. Moussier, ainda me transmitiu uma série de vocábulos, indicando números que, segundo ele, conseguiu pelo contato com os indígenas. São eles:

3: <i>krot-twip</i> ;	6: <i>nukruk</i>	9: <i>irapīnkum</i>
4: <i>kitšakan nānhwitṇ</i>	7: <i>nukwā</i>	10: <i>pantō</i>
5: <i>nunté</i>	8: <i>nui</i> k	

109 O mesmo é relatado por Hartt, l. p.605.

Contudo, não está claro se essas palavras realmente designam determinados conceitos numéricos, ou apenas um número indeterminado. Isso é possível pelo fato de que o acréscimo de *ñan̄hwiṭṇ* no n° 4, significando *muito*, e *pantö*, dez, que, na verdade, significa todos. Também as palavras numéricas informadas por Tschudi (*Reise* II, p. 288) parecem pouco confiáveis, visto que ele próprio coloca isso em dúvida.

À pequena lista de nomes de pessoas fornecida pelo Príncipe de Wied (*Reise* II, p. 60), ainda acrescento os seguintes:

Homens: *oran*, *žaketon*, *vâk*, *morokmön*, *žentnuk*, *žunuk*, *žamnuk*, *žamankü*, *kupärak*.

Mulheres: *kanžirān*, *žunukmā*, *nikantip*, *žakwén*, *hanhā*.

XVIII. Observação ulterior sobre o vocabulário

As melhores coleções de vocábulos até agora publicadas foram compiladas por Martius (*Glossaria ling. Bras.* 177p). Entretanto, em estudos mais detalhados dessa língua, constatou-se que também essa coleção ainda contém inúmeras falhas, o que deve ser considerado como inevitável nesse tipo de registro. Visto que dos vocabulários de Martius somente o de número I está redigido de acordo com a ortografia alemã, ao passo que os de números II a IV o são pela francesa, com frequência o mesmo vocábulo aparece de forma tão diferente nas listas isoladas que praticamente se torna irreconhecível.

Considerando essa circunstância, pareceu muito útil submeter essas coleções de vocábulos a uma análise mais exata e, se possível, eliminar os equívocos ou, pelo menos, esclarecê-los. O objetivo é fixar o modo de escrita de acordo com as regras do alfabeto linguístico geral¹¹⁰.

110 Para realizar este trabalho, recorri à ajuda do intérprete de Mutum, Tertullian, e a outros nativos inteligentes, em especial o Sr. João Maria (sobrenome ilegível), que estava em condições de fornecer informações muito importantes, visto já se encontrar em contato com os indígenas há vários anos. Também cabe a ele o mérito de recompor novamente grande parte dos meus registros destruídos pelo fogo em Vitória. Para esse fim, enviei a ele alguns formulários, para que fossem preenchidos com cuidado, referentes às questões mais importantes. Por isso, manifesto aqui novamente meus sinceros agradecimentos.

ANEXO

Botocudos do Rio Doce

Fotografias de Walter Garbe

Realizadas entre março e maio de 1909

As vinte imagens a seguir fazem parte de um álbum denominado: "Botocudos do Rio Doce, fotografados na Barra do rio Pancas entre Barbados e Colatina em 1920", registradas por Walter Garbe. O álbum foi encadernado pela Imprensa Oficial, em 1944, e doado ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo como oferta do Dr. Paulo Fundão. Encontramos, porém, no volume VIII da Revista do Museu Paulista, no artigo "O Museu Paulista nos annos de 1906 a 1909", assinado por Hermann e Rofolpho von Ihering, informações mais precisas quanto a data e a região onde foram realizadas essas imagens:

Muitas foram as viagens de estudo e caça empreendidas pelos empregados do Museu e por pessoas especialmente commissionadas. O sr. Ernesto Garbe, naturalista viajante do Museu, permaneceu todo o anno de 1906 na região do curso inferior do Rio Doce, no Estado do Espírito Santo, para onde seguiu em Setembro de 1905, juntamente com seu filho Walter Garbe, seu excellent auxiliar e photographo artista. De lá só voltou nos últimos dias de dezembro, trazendo ricas collecções, principalmente de material zoológico e algum ethnographico. (pp. 11 e 12).

No artigo "Os botocudos do Rio Doce", no mesmo volume do periódico citado, o diretor daquele museu, Hermann von Ihering, comenta a produção dessas fotografias:

O Museu Paulista cuidou nos últimos annos da exploração scientifica do Estado do Espírito Santo e particularmente da região do Rio Doce. No anno de 1906 o sr. Ernesto Garbe, naturalista-viajante do Museu, em companhia de seu filho Walter, fez valiosas collecções zoologicas nesta região, desde a fronteira do Estado de Minas até Linhares e na Lagôa Juparana. Naquella occasião estes viajantes não entraram em relações com os indios, mas em compensação o sr. Walter Garbe, nos mezes de Março até Maio de 1909 fez de novo varias excursões, com o proposito especial de visitar os Botocudos. (p. 30).

Ihering informa que esses Botocudos eram nômades e que viviam na margem norte do Rio Doce. Segundo ele existiam três diferentes grupos naquela região:

- os Minhagiruns do rio Pancas, nas proximidades de Colatina;
- os Botocudos de Natividade de Manhuaçu, na fronteira entre o Espírito Santo e Minas Gerais e
- os Botocudos da Lapa, no Estado de Minas Gerais, localizados entre 60 e 70 km do Manhuaçu, rio acima. Ainda de acordo com Ihering:

Segundo o Sr. W. Garbe, o nome dos indígenas do Manhuaçu e de Lapa seria o de Gutu-krak. São provavelmente os mesmos que Ehrenreich denomina Takruk-krak. Estes índios são de estatura mediana e de côr pardo-amarellada um pouco escura. O Sr. Garbe tirou delles uma bella serie de vistas photographicas (...) (p.39).

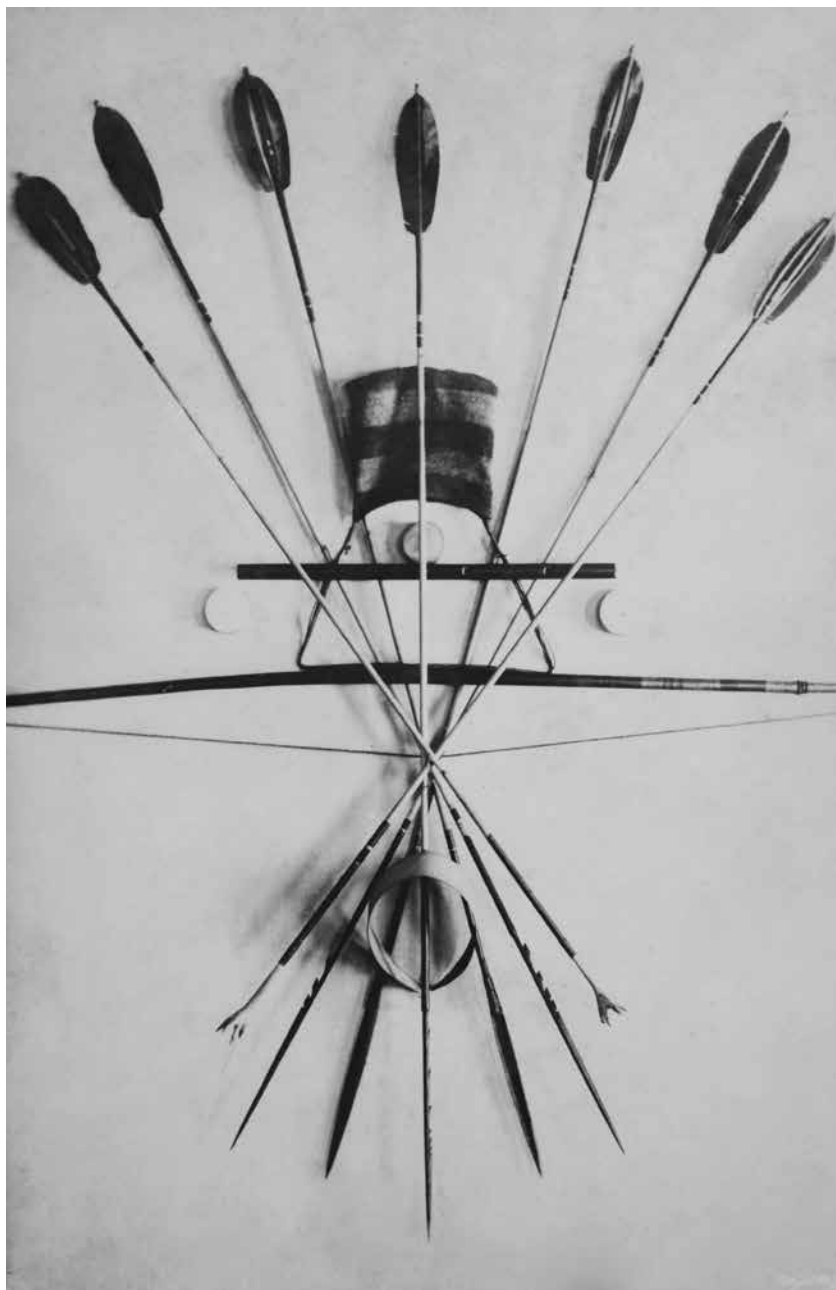
Diante do exposto, temos o ano de 1909 como data precisa do registro dessas imagens e não 1920, conforme mencionado no título do álbum. E, de acordo com o texto, os índios que foram registrados por Garbe provavelmente se encontravam em território mineiro, próximos à divisa com o Espírito Santo.

No artigo “A tribo dos índios Crenaks” – presente nos Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, realizado em agosto de 1922 – Antônio Carlos Simoens da Silva relata a sua pesquisa junto a 65 índios Botocudos às margens do Rio Doce “mais para o Estado de Minas Gerais do que para o Espírito Santo”. O texto foi ilustrado com fotografias do autor e de Walter Garbe. Sobre o local dos estudos descreve:

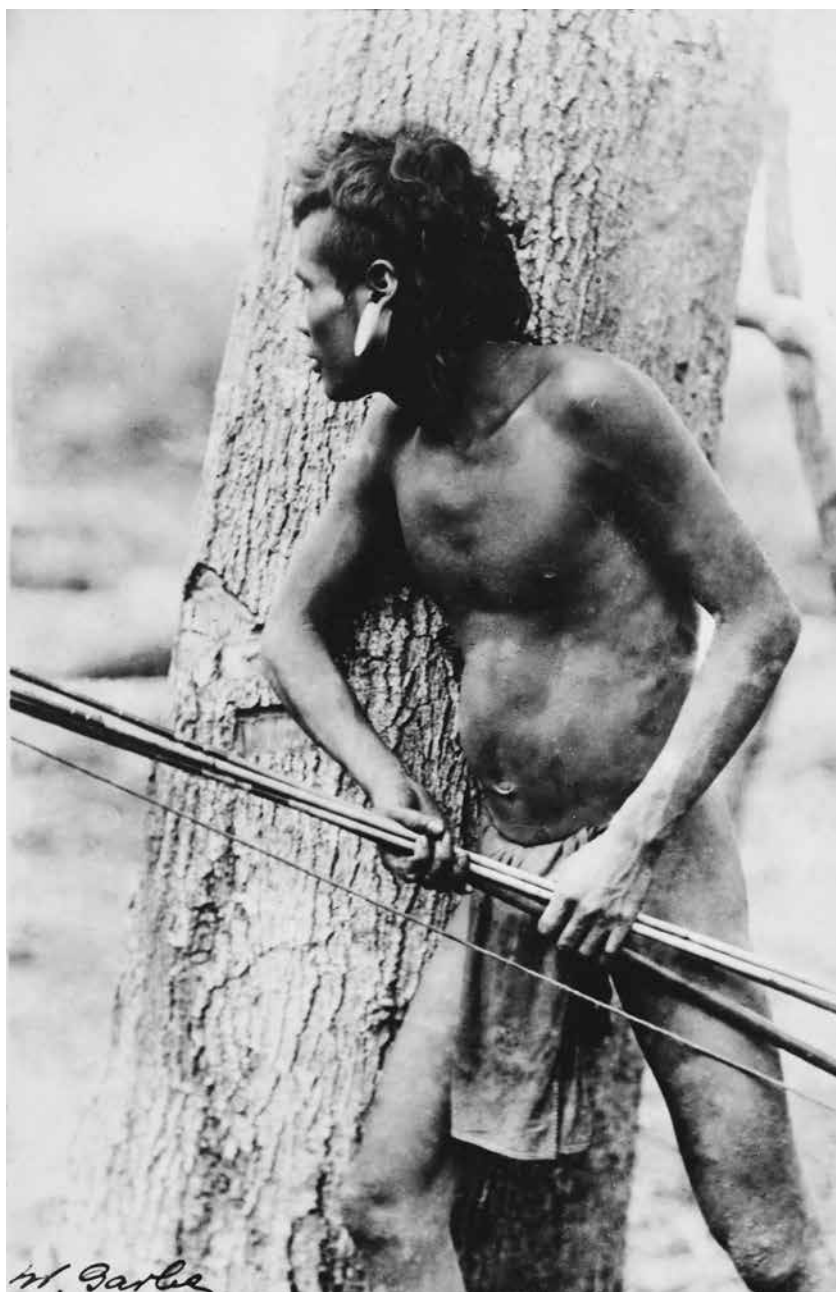
As visitas a essa tribo são feitas de ordinário por meio da Estrada de Ferro de Victoria a Diamantina, que, depois de percorrer toda parte do Estado do Espírito Santo até os limites com o Estado de Minas Gerais, passa pela cidade mineira denominada “Natividade”, deixando os excursionistas pouca coisa além da Estação de “Resplendor”, onde, em companhia de um intérprete, atravessam o Rio Doce e chegam a fala com esses pacíficos brasileiros, que mais merecem a qualificação de civilizados que de selvagens, conforme são tidos e havidos ainda por nós, que positivamente os desconhecemos de todo.

Ao final da revista do Museu Paulista foram impressas nove das fotos que aqui também reproduzimos e outras quatro que não constam no álbum doado ao Arquivo Público.

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, dezembro de 2014.









































Referências

OBRAS DE PAUL EHRENREICH:

EHRENREICH, Paul. **Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens**. Gotha: Petermanns Mitteilungen, 1897.

EHRENREICH, Paul. **Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse**. Gotha: Petermanns Mitteilungen, 1891.

EHRENREICH, Paul. Land und Leute am Rio Doce. **Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin**, XIII, 1896.

EHRENREICH, Paul. Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes. **Zeitschrift für Ethnologie**, XIX, 1897.

EHRENREICH, Paul. Ueber einige Bildnisse südamerikanischer Indianer. **Globus**, v. 66, 1897.

EHRENREICH, Paul. Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. [Tradução de Capistrano de Abreu]. **Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro**, tomo VIII, p.3-55, 1892.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens I: Die Sprache der Caraya (Goyaz). **Zeitschrift für Ethnologie**, 26, p. 21-37; p.49-60, 1894.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens II: Die Sprache der Kayapo (Goyaz). **Zeitschrift für Ethnologie**, 26, p.115-137, 1894.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens III: Die Sprache der Akuä oder Chavantes und Cherentes (Goyaz). **Zeitschrift für Ethnologie**, 27, p.149-162, 1894.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens IV: Vocabulare der Guajajara und Anambé (Para). **Zeitschrift für Ethnologie**, 27, p.163-168, 1895.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens V: Die Sprache der Apia-ka (Para). **Zeitschrift fur Ethnologie**, 27, p.168-176, 1895.

EHRENREICH, Paul. Ein Beitrag zur Charakteristik der botokudischen Sprache. **Festschrift fur Adolf Bastian**, Berlin, p.607-630, 1896.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: VI. Vokabulare von Purus- Stämmen. **Zeitschrift fur Ethnologie**, 29, p.59-71, 1897.

EHRENREICH, Paul. Die Mythen und Legenden der Sudamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der alten Welt. Supplement von **Zeitschrift fur Ethnologie**, 37. Jahrgang, 1895.

EHRENREICH, Paul. Ethnographia selvagem. [Tradução de Capistrano de Abreu]. **Almanack Brasileiro Garnier** para o ano de 1907, 1907, p.79-98.

EHRENREICH, Paul. A ethnografia da America do Sul ao começar o Século XX. Tradução de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, vol. XI, p.280-305, 1906.

OBRAS SOBRE PAUL EHRENREICH:

RUZ, Aline & CHRISTINO, Beatriz. O contato lingüístico para Martius (1794-1868), Steinen (1855-1929) e Ehrenreich (1855-1914), p.6. Disponível em: < <http://www.etnolingustica.org/artigo:cruz-2005>> . Acesso 10 mar. 2014.

KARP VASQUEZ, Pedro. **Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX / Deutsche Fotografen des 19. Jahrhunderts in Brasilien**. São Paulo: Metalivros, 2000.

LACERDA, J. B. DE. Novos estudos craniométricos sobre os Botocudos, feitos pelo Dr. J. R. Peixoto. **Arquivos do Museo Nacional**, v.6, 1885.

LISBOA, Karen Macknow. **Viajantes de língua alemã no Brasil**: olhares sobre a sociedade e a cultura (1893-1942). São Paulo, 2002. Tese de doutorado em História. Universidade de São Paulo.

MARINATO, Francieli Aparecida. **Índios imperiais**: os Botocudos, os militares e a colonização do Rio Doce (Espírito Santo, 1824-1845). Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

MARINATO, Francieli Aparecida. Nação e civilização no Brasil: os índios Botocudos e o discurso da pacificação no Primeiro Reinado. **Dimensões**, n.21, p.41-50, 2008.

MARTINUZZO, José Antonio. **Germânicos nas terras do Espírito Santo**. Vitória, ES: Governo do Estado do Espírito Santo, Secretaria da Cultura, 2009.

MEIRELLES FILHO, João. **Grandes expedições à Amazônia brasileira**. São Paulo: Metalivros, 2009.

PEIXOTO, [?]. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, I, 1861.

PEIXOTO, [?]. Novos estudos craniologicos sobre os Botocudos. **Arquivos do Museu [Nacional] do Rio de Janeiro**, v.6, p.233-235, 1867.

REY, Philippe-Marius. *Étude anthropologique sur les Botocudos*. Paris: O. Doin, 1880.

RIVET, Paul. Paul Ehrenreich. **Journal de la société des américanistes**, v.11, n.1, p. 245 – 246, 1919.

ROCHA, Levy. **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**. Brasília: Embrasa, 1971.

SCHADEN, Egon. A antropologia científica de Paul Ehrenreich. **Revista de Antropologia (USP)**, v.12, p.83-86, 1964.

ZERRIES, Otto. Ehrenreich, Paul. In: **Neue Deutsche Biographie**. Band 4. Berlin: Duncker und Humblot, 1959).

DEMAIS OBRAS CITADAS:

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL (ES). LEAL, João Euripedes Franklin. **Catálogo de documentos manuscritos avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822)**. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1998.

ASSIS, Francisco Eugênio de. **Dicionário geográfico e histórico do Estado do Espírito Santo**. Vitória: s.n., 1941.

BAYERN, Therese von. **Meine Reise in den Brasilianischen Tropen** (Minha viagem aos trópicos brasileiros). Berlim, 1897.

BELUZO, Ana Maria de Moraes (org). **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Odebrecht, 1994. 3v.

BELUZO, Ana Maria de Moraes. A propósito d´*O Brasil dos viajantes*. **Revista USP**, n.30, p.8-19, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1986.

CAMPOS, Pedro M. Imagens do Brasil no Velho Mundo. In: HOLANDA, Sérgio B. de (org). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1982, t.2, v.1.

CANSTATT, Oscar. **Brasilien Land und Leuten**. Berlim: Ernst Siegfried Mittler und Sohn Koenigliche Hofbuchhandlung, 1877.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

COUTINHO, José Caetano da Silva.; NEVES, Luiz Guilherme Santos; NEVES, Maria Clara Medeiros Santos. **O Espírito Santo em princípios do século XIX**: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819. Vitória (ES): Estação Capixaba Cultural, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro (org). **Legislação indigenista no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1992.

DAEMON, Basílio de Carvalho. **Província do Espírito Santo** – sua descoberta, história, cronologia, sinópsis e estatística. Vitória: Typographia Espírito Santense, 1879.

DUARTE, Regina Horta, (org). **Notícias sobre os selvagens do Mucuri**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2002.

ESCHWEGE, Wilhelm F. von. **Brasil, novo mundo**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996. 2v.

ESCHWEGE, Wilhelm F. von. **Jornal do Brasil, 1811 — 1817: ou relatos diversos do Brasil colectados durante expedições científicas**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.

ESCHWEGE, Wilhelm F. von. **Pluto Brasiliensis**. São Paulo: Nacional, 1941. 2v.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANÇOZO, Mariana. Os outros alemães de Sérgio: etnografia e povos indígenas em Caminhos e fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 22, n.63.

FREITAS, Marcus Vinícius. **Charles Frederick Hartt**: um naturalista do Império de d. Pedro II. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

GONÇALVES DIAS. **Dicionário da Língua Tupi**: chamada língua geral dos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: s.n., 1858.

HALFELD, G. F. H. & TSCHUDI, J. J. von. **A província brasileira de Minas Gerais**. Belo Horizonte: CEHC, 1998.

HARTT, G. **Geology and Physical Geography of Brazil**. Boston Osgood, 1870.

HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da natureza**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1964.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUPFER. Die Cayapo-Indianer in der Provinz Matto Grosso. **Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin**, 5, p. 244-255, 1870.

KURY, Lorelai. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência relato e imagem. **História, Ciências, Saúde**, v.8, suplemento, 2001.

LADISLAU NETTO, [?]. Investigações sobre a archeologia brasileira. **Arquivos do Museu Nacional**, v.6, p.415-505, s.d.

LEITE, Miriam Moreira. **Livros de viagem** (1803-1900). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

LEVASSEUR, Emile. **Le Bresil: Climats, Geologie, Faune et Geographie botanique du Bresil**. Paris : H. Lamirault et Cie, Editeurs, 1889.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: A natureza e a civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1997.

MARCATO, Sonia de Almeida. **A repressão contra os Botocudos em Minas Gerais**. Brasília: Fundação Nacional do Índio, 1979.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico, geográfico e estatístico da província do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**: Zure Ethnographie Amerika's zumal Brasiliens. Leipzig: Fleischer, 1867.

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. **Flora brasiliensis**. Stuttgartiae et Tubingae: Sump-tibus & J. G. Cotta, 1829.

MATTOS, Izabel Missagia de. **Civilização e revolta: os Botocudos e a catequese na província de Minas Gerais**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2004.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien**. Weimar : Verlage des Landes-Industrie-Comptoirs, 1833.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1989.

MELLO MORAIS. **Revista da exposição anthropologica brasileira**. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro, 1882.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

MOREIRA, Vânia L. A serviço do império e da nação: trabalho indígena e fronteiras étnicas no Espírito Santo (1822-1860). **Anos 90**, v. 17, n.31, p13-55, jul, 2010.

MOREIRA, Vânia L. Autogoverno e economia moral dos índios: liberdade, territorialidade e trabalho (Espírito Santo, 1798-1845). **Revista de História**, n.166, p.223-243, 2012.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nem selvagens nem cidadãos: os índios da vila de Nova Almeida e a usurpação de suas terras durante o século XIX. **Dimensões**, v.14, 2002, p.151-167.

MOREIRA, Vânia Maria. 1808: a guerra contra os Botocudos e a recomposição do império português nos trópicos. In: CARDOSO, José luís; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SERRÃO, José vicente (Orgs.). **Portugal, Brasil e a Europa napoleônica**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1976, t.2., v.1.

PARAÍSO, Maria Hilda B. Os Botocudos e sua trajetória histórica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PENNA, Misael Ferreira. **História da província do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Typ. de Moreira e Nascimento, 1878.

PESSOA, Lilian de Abreu. **Imagem do Brasil na literatura de viagem alemã do século XIX**. São Paulo, 1991. Tese de Doutorado em Literatura. Universidade de São Paulo.

PINTO, Alfredo Moreira. **Diccionario Geographico do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.

PRATT, Mary Louis. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

RATZEL, Friedrich. **Anthropogeographie - Die geographische Verbreitung des Menschen**, 1882-1891.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem ao interior do Brasil**: Espírito Santo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. São Paulo: Itatiaia, 1988.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SCHANZ, Moritz. **Das heutige Brasilien**. Leipzig: Bastian, 2008.

SCHULTZ, Waldemar. **Natur-und Kulturstudien über Südamerika und seine Bewohner mit besonderer Berücksichtigung der Kolonisationsfrage**. Dresden, 1867.

SEIXO, Maria Alzira. Entre a cultura e a natureza: ambiguidades do olhar viajante. **Revista USP**, n.30, p.120-33, 1996.

SELLIN, Alfred. **Das Kaiserreich Brasilien**. s.n.: Kessinger, 1885.

SOMMER, F. **A vida do botânico Martius**. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

SOUTHEY, Robert. **A history of Brazil**. London: s.n, 1855.

SPIX, J. B. **Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII-MDCCCXX jussu et auspiciis Maximiliani Josephi I Bavariae Regis suscepto collegit et descripsit**. Monachii, Typis Francisci Seraphi Hybschmanni. 2.v.,1824.

SPIX, Johann Baptist Ritter von & MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I König von Baiern in den Jahren 1817-1820**. Munique, M. Lindauer, 1823.

TESCHAUER, Carlos. **Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX no Brasil**. Rio de Janeiro: s.n., s.d.

TOPINARD, Paul. **L'Anthropologie**. Paris: C. Reinwald et Cie. 1876.

TSCHUDI, Johann Jakob von. **Die brasilianische Provinz Minas-Geraes**, 1863.

TSCHUDI, Johann Jakob von. **Reise durch die Andes von Südamerika**, 1860.

TSCHUDI, Johann Jakob von. **Viagens através da América do Sul [Reisen...]**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

TYLOR, Edward P. **Primitive Culture**, London: s.n., 1871.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: s.n., 1857.

VASCONCELLOS, José M. Pereira de. **Ensaio sobre a história e a estatística da província do Espírito Santo**. Vitória: Tipographia de Pedro Antônio Azeredo, 1858.

VIRCHOW, Rudolf. *Crania Ethnica americana*. **Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie**. Berlin, 1892.

WAPPÄUS, Johann Eduard. **Handbuch der Geographie und Statistik des Kaiserreichs Brasilien**. Leipzig: Verlag der J. F. Heinrichslichen Buchandlung, 1871.

Coleção Canaã

Volumes

- 1º Relato do Cavalheiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória - O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana (Fevereiro 1895). *Carlo Nagar* – 1995.
- 2º Projeto de Um Novo Arrabalde - 1896. *Francisco Saturnino Rodrigues de Britto* – 1996.
- 3º Catálogos de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585 - 1822). (org.) *João Eurípedes Franklin Leal* – 1998.
- 4º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo. *Nara Saletto* – 1998.
- 5º Viagem à Província do Espírito Santo - Imigração e Colonização Suíça - 1860. *Johann Jakob von Tschudi* – 2004.
- 6º Colônias Imperiais na Terra do Café - Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras (1874-1900). *Renzo M. Grosselli* – 2008.
- 7º Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. *Levy Rocha* – 2008.
- 8º História do Estado do Espírito Santo. *José Teixeira de Oliveira* – 2008.
- 9º Os Capixabas Holandeses - Uma História Holandesa no Brasil. *Ton Roos e Margje Eshuis* – 2008.
- 10º Pomeranos Sob o Cruzeiro do Sul - Colonos Alemães no Brasil. *Klaus Granzow* – 2009.
- 11º Carlos Lindenberg - Um estadista e seu tempo. *Amylton de Almeida* – 2010.
- 12º Província do Espírito Santo. *Basílio Carvalho Daemon* – 2010.
- 13º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo - 2ª Edição Revisada. *Nara Saletto* – 2011.
- 14º Viagem ao Espírito Santo – 1888. Princesa Teresa da Baviera. (org.) *Julio Bentivoglio* – 2013.
- 15º Fazenda do Centro - Imigração e Colonização Italiana no Sul do Espírito Santo. *Sérgio Peres de Paula* – 2013.
- 16º Tropas & Tropeiros - o transporte a lombo de burros em Conceição do Castelo. *Armando Garbelotto* - 2013.
- 17º Nossa Vida no Brasil. Imigração norte-americana no Espírito Santo (1867-1870). *Julia Louisa Keyes* - 2013.
- 18º Viagem pelas Colônias Alemãs do Espírito Santo. *Hugo Wernicke* – 2013.
- 19º Imigrantes Espírito Santo – base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. *Cilmar Franceschetto*, (org.) *Agostino Lazzarro* – 2014.
- 20º Italianos – base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. *Cilmar Franceschetto*, (org.) *Agostino Lazzarro* – Série Imigrantes Espírito Santo, volume 1 – 2014.
- 21º Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX. *Paul Ehrenreich*. (org.) *Julio Bentivoglio* – 2014.
- 22º Negros no Espírito Santo - 2ª Edição. *Cleber Maciel*. (org.) *Oswaldo Martins de Oliveira* – 2014.

Os volumes acima, entre outros documentos e obras raras digitalizados,
podem ser consultados no site do APEES, em formato pdf, no seguinte endereço:

www.apee.es.gov.br



Paul Max Alexander Ehrenreich foi um dos mais importantes antropólogos e etnólogos alemães. Nasceu no dia 27 de dezembro de 1855 em Berlim e faleceu na mesma cidade em 4 de abril de 1914. Estudou medicina e história natural nas Universidades de Berlim, Heidelberg e Würzburg. Esteve no Brasil em duas expedições, a primeira entre 1884 e 1885 e a segunda em 1887 e 1889. Na primeira estudou os índios Botocudos do Rio Doce, permanecendo até meados de 1885. Na segunda acompanhou Karl von den Steinen (1855-1929) ao Xingu. Foi professor da Universidade de Berlim de 1900 até sua morte, em 1914. Em 1891 publicou Contribuições para a etnologia do Brasil. Foi membro da Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-história de Berlim e da Sociedade dos Americanistas de Paris. Tornou-se também sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1907. Sua obra-prima foi publicada em 1905: Mitos e lendas dos povos indígenas da América do Sul e sua relação com os da América do Norte e do Velho Mundo.



REALIZAÇÃO



SECRETARIA
DA CULTURA



ISBN 978-85-98928-19-7



9 788598 928197